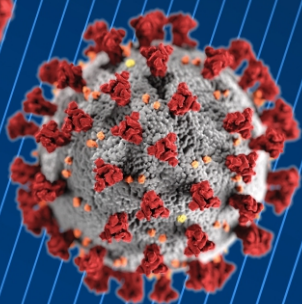
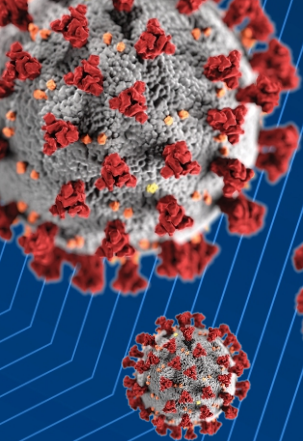
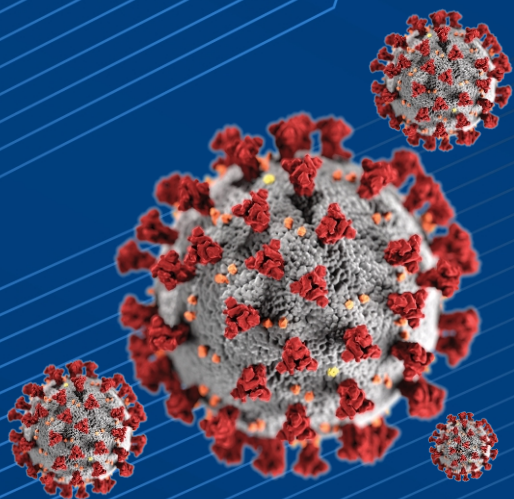




FACES DA PANDEMIA:

**ESTÁGIO NO CAMPO DA
SAÚDE EM PETROLINA-PE**

Diana Silva



**FACES DA PANDEMIA:
ESTÁGIO NO CAMPO DA
SAÚDE EM PETROLINA-PE**

Diana Silva

**FACES DA PANDEMIA:
ESTÁGIO NO CAMPO DA
SAÚDE EM PETROLINA-PE**

Juazeiro-BA, 2022

Professor Orientador **Iury Aragão**

Projeto gráfico e capa **Caio Alves**

Autora **Diana Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
por Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

S586f Silva, Diana Cristina da

Faces da Pandemia: Estágio no campo da saúde em Petrolina - PE / Diana Cristina da Silva. Juazeiro-BA, 2022.
125 fls.: il.

Orientador(a): Prof. Dr. Iury Parente Aragão

Inclui Referências

TCC (Graduação - Comunicação Social - Jornalismo em Multimeios) –
Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus III.
2022.

1. Saúde – Pandemia. 2. Covid-19 – Pandemia. 3. Estágio em saúde. 4.
Jornalismo em Multimeios. 5. Livro-Reportagem. I. Aragão, Iury Parente. II.
Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 362.1068

Agradecimentos

À minha mãe, minha tia e meu irmão por apoiar a minha jornada desde o início, além do meu namorado que desde o momento em que chegou, sempre esteve comigo nos desafios da graduação. À Ananda Brandão, Beatriz Oliveira e Layla Shasta, que estiveram ao meu lado neste processo de conclusão, onde com elas pude compartilhar minha jornada e dividir meus medos, incertezas e alegrias. À minha grande amiga Camilla Duarte, responsável por tornar o meu TCC possível, me ajudando com informações sobre o campo da saúde e me incentivando sobre o tema. Aos meus amigos e colegas do g1 Petrolina, em especial a Emerson Rocha, por ter me orientado no estágio em que realizei, permitido que eu pudesse aprender mais sobre o jornalismo e a arte de contar histórias. Aos estudantes e egressos com quem conversei ao longo desses meses, que de imediato aceitaram participar e se colocaram a disposição para que eu pudesse realizar este trabalho. Agradeço também ao fotógrafo e jornalista, Caio Alves, pelo trabalho de diagramação e construção da capa do meu livro. Por último, mas não menos importante, agradeço ao meu orientador Iury Aragão, por todo o suporte durante a orientação, sempre presente e à disposição para qualquer dúvida que eu tivesse e também sempre atento a cada detalhe deste trabalho.

Gratidão!

SUMÁRIO

Prefácio	09
Introdução	11

Capítulo 1

• O CAMPO DE ESTÁGIO NA PANDEMIA: CONTEXTO E MUDANÇAS.....	16
--	----

Capítulo 2

• OS REFLEXOS DAS PORTARIAS 492 E 383 DO GOVERNO FEDERAL	28
• UM PROCESSO DE METAMORFOSE NA PANDEMIA.....	38

Capítulo 3

• OS DESAFIOS DO ESTÁGIO: RETORNO, COOPERAÇÃO E APRENDIZAGEM	46
• UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO (UPE), CAMPUS PETROLINA	50
• SOBERANA - FACULDADE DE SAÚDE DE PETROLINA	55
• UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO (UNIVASF), CAMPUS PETROLINA	64

Capítulo 4

• EPIS: DE QUEM E PARA QUEM?	79
------------------------------------	----

Capítulo 5

O DIREITO À VACINA

• PARTE 1: DISTRIBUIÇÃO	94
• PARTE 2: UM NOVO CENÁRIO	100
Referências	114

Um livro essencial sobre a atuação dos estagiários da área da saúde em período pandêmico

Pandemia. Tínhamos ouvido falar por causa da peste bubônica, no século XIV, ou da Gripe Espanhola, no início do século XX. Era difícil imaginar que estaríamos vivendo, por mais de dois anos, uma que já matou 6,3 milhões de pessoas em todo o mundo, sendo 674 mil apenas no Brasil até a data de hoje, 11 de julho de 2022.

Imagens de horror vindas da Itália, com caminhões e mais caminhões levando vítimas da Covid-19. Comércio sendo fechados, ruas vazias e aulas sendo canceladas. Vivemos tudo isso no Brasil. Sem exceção.

A Universidade do Estado da Bahia (Uneb), no campus de Juazeiro (DCH-3), e toda sua comunidade passaram e passam pelas consequências de uma pandemia. À época em que os cuidados para evitar o contágio pelo coronavírus no Brasil se iniciaram, eu atuava na Comissão de Estágio do Curso de Jornalismo da Uneb. Momento em que nos deparamos com uma realidade em que nunca houvera sido imaginada. Não podíamos ir à Universidade, os alunos não podiam ir ao estágio e não tínhamos, naquele momento, ideia de alguma saída para que a vida não parasse e nem nos deixasse.

Nessa região de Juazeiro (BA) e do município vizinho, Petrolina (PE), os hospitais ficaram superlotados, a mão de obra ficou escassa e a demanda aumentava. Processos seletivos foram abertos, mas não eram suficientes pela quantidade de infectados. Nesse contexto, uma das alternativas encontradas pelos gestores públicos foi a de que os estagiários da área da saúde passassem a também atuar

no sistema de saúde.

O trabalho de Diana Silva foca nesse ponto: estágio e pandemia. Profissionais de saúde e pandemia, SUS e pandemia, farmácias e pandemia, comumente estavam em debate. E onde estavam (e estão), nas histórias, os estagiários que atuavam em todos esses lugares? Eles não eram profissionais, estavam em processo formativo, contudo, tiveram que enfrentar o medo e o perigo.

Ao investigar como os estagiários da área da saúde atuaram, buscando documentos e conversando com os atores desse processo, a autora mostra matizes, nos faz enxergar como os estudantes foram fundamentais para o sistema de saúde brasileiro, mas também mostra os interesses envolvidos, os ruídos na comunicação e a subjugação.

Este livro é essencial para quem quer entender o papel da prática do estágio e dos estagiários na pandemia de Covid-19 e quer compreender como as decisões individuais e políticas foram moldando a “linha de frente” para o combate à Covid-19.

Iury Parente Aragão.
Doutor em Comunicação Social.

SOBRE O TEMA

A pandemia de Covid-19 tem nos mostrado diversas faces das transformações causadas pela sua chegada. Desde o trabalho remoto até a valorização dos profissionais de saúde, tudo tem sido intensificado, tudo é relevante, comovente e latente na sociedade. As pessoas se veem discutindo saúde pública, fake news, vacina e educação, temáticas incorporadas ao guarda-chuva do coronavírus, que também trouxe consigo, uma leva sombria de morte e desgaste econômico.

Em seu pior momento, quando os óbitos começaram a subir e os casos se multiplicavam, as discussões encontravam-se voltadas para o Sistema Único de Saúde (SUS) e seus profissionais. Falar sobre o SUS é indiscutivelmente defendê-lo, mas também, discutir políticas de investimento que fortaleçam a instituição. A precariedade do sistema sempre foi uma situação nítida para quem precisa e grave para quem atende.

Nesse sentido, o contexto de pandemia praticamente colapsou o SUS. Os profissionais se viram enfrentando o maior de todos os desafios já vividos, arriscando também suas vidas e abrindo mão da liberdade. Eles se encontravam reclusos em um sistema de guerra que parecia não ter fim, e falar sobre o passado desse período parece ser exaustivo, mas talvez seja importante para resgatar aspectos não discutidos ou observados.

Provavelmente alguns questionamentos não tenham sido feitos, mas quando pensados trazem uma reflexão sobre contribuição, aprendizagem e doação. Quem compõe

a esfera dos profissionais de saúde? O que contribui para a qualidade do atendimento? Essas questões, aparentemente óbvias, são repletas de camadas delicadas e implícitas.

...

Durante a pandemia, vivi situações que me faziam pensar, enquanto estudante universitária, na experiência do estágio e os caminhos que seriam tomados nesse momento de crise. Os estudantes tinham medo do que viria a acontecer, as instituições temiam a exposição dos alunos e os campos de atuação se viam precisando desse estagiário, ao mesmo tempo em que não queriam se comprometer com uma vida. Assim, comecei a entender a importância dessa atividade prática e suas nuances entre o que um estagiário faz em comparação a um profissional.

Me questionei sobre autonomia, desenvolvimento e, principalmente, o papel dos estagiários em contribuir com as demandas. Nesse instante eu acabava de descobrir o que queria investigar e entender: a importância do estágio e do estudante no processo de qualidade do serviço. Mas não bastasse isso, eu pude perceber a história que estava presente durante toda a pandemia, na minha frente, como uma placa sinalizada, como um sinal de atenção.

Eu me impressionei durante os dois primeiros anos de pandemia com a vida dos profissionais de saúde e, por um tempo, custei a enxergar entrelinhas desta trajetória que

só precisam ser notadas para se expandirem. A outra face de quem compõe a saúde provavelmente passaria despercebida por mim também, e não há problema em não notar.

O problema está em não destrinchar uma curiosidade, não contar uma história e não fazer com que outros também vejam o que você descobriu. Isso tem a ver com o que eu me tornei e sobre a responsabilidade que eu tenho com a sociedade. Eu escolhi ser jornalista e não por acaso, esse tema me escolheu.

...

Falar sobre estágio parecia ser tão delicado e não tão importante. Talvez porque o estágio não seja compreendido, nem valorizado. Isso me provocava e me trazia a coragem necessária para falar sobre isso, mas não era suficiente. Eu precisava de um ponto de partida e ele veio como um estalar de dedos. Por qual razão eu não pensei no estagiário que atua na saúde? Por que não pensei em entender como ficou a vida desses estudantes? Em um país tão necessitado da saúde e com o agravante da pandemia, em que posição se encontram os estagiários? Um tema desafiador e pouco explorado. Provavelmente por isso menos notado.

A ideia de trazer essa história parte da vontade de exaltar um grupo que colabora também, que contribui e que se compromete. Então eu entendi que não podia falar

somente do estágio em sua amplitude depois de viver uma pandemia. Era preciso contar a história de quem conviveu com esse momento, de quem foi diretamente afetado.

Esse recorte, ao mesmo tempo que foca em estudantes universitários da área da saúde, não deixa de trazer reflexões sobre o lugar do estagiário em toda sua diversidade e singularidade. Quando eu conto que o estagiário é importante para uma unidade de saúde, o estudante de direito vai concordar que ele é importante para o seu escritório e eu vou me convencer de que sou importante na redação do jornal.

Assim, essa função prática curricular se expande, toma forma, e sai da caixa, e o que será visto aqui são essas experiências de quem estava na pandemia, de quem também participou e que, de alguma forma, compõem o serviço de saúde brasileiro, mas precisamente na cidade de Petrolina, no Sertão de Pernambuco.

O município foi escolhido por apresentar muitas instituições e cursos na área de saúde, além de ser vizinha da cidade em que resido, em Juazeiro, na Bahia. A história que dá vida a este livro-reportagem-perfil tem a participação de estudantes da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), Universidade de Pernambuco (UPE), e da Faculdade de Saúde de Petrolina - Soberana.

Os estudantes egressos, formados durante o percurso da pandemia, serão identificados com pseudônimos, a fim de resguardar suas respectivas identidades, de acordo com o artigo 5º, inciso XIV, elencado

como direito fundamental da Constituição Federal, que prevê o sigilo da fonte. Essas histórias se passam entre 2020 e 2021, os dois primeiros anos de pandemia, e algumas informações de local e data serão alteradas como forma de impedir a identificação dessas pessoas.

Já os critérios de seleção das instituições se deu pela quantidade de cursos ofertados em cada uma, sendo pelo menos três da área da saúde. Por último, mas não menos importante, resolvi estudar apenas unidades de ensino superior que ofereçam cursos presenciais, para que eu possa compreender os impactos da pandemia desde a suspensão das aulas oferecidas pessoalmente, durante todos os dias, em horários pré-estabelecidos.

Inaugurada em 2008, a Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf) é uma instituição de ensino superior pública, mantida pelo Governo federal. O campus de Petrolina oferece cinco cursos na área de saúde: medicina, enfermagem, farmácia, psicologia e educação física. O local ainda possui o Hospital Universitário que atuava no enfrentamento à Covid-19 e recentemente fechou 20 leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI), em virtude do avanço da vacinação, que consequentemente resultou na diminuição do número de internações.

A UPE, campus Petrolina foi fundada há mais de 50 anos, o campus é o mais antigo do interior do estado e oferece cursos nas áreas de enfermagem, fisioterapia, nutrição e ciências biológicas.

Fundada em 2013, a Soberana Faculdade de Saúde

de Petrolina oferece três cursos na modalidade de ensino superior, com graduação nas áreas de farmácia, enfermagem e a novidade na região, o curso de odontologia.

Os relatos são de estagiários dos cursos de medicina, enfermagem, psicologia, fisioterapia, odontologia, farmácia e nutrição.

CAPÍTULO 1

O campo de estágio na pandemia: contexto e mudanças

“A pandemia é comparável a uma guerra e todos devem ir para o front”, frase discutida em reunião e registrada no relatório divulgado através da Comissão responsável pela elaboração, acompanhamento e monitoramento de ações de prevenção do Coronavírus na Univasf.

Dia 23 de março de 2020, data em que a Secretaria de Saúde de Petrolina, no Sertão de Pernambuco, confirmava o primeiro caso do novo coronavírus. O fato aconteceu menos de um mês após a primeira confirmação no Brasil. Uma mulher, que não teve a idade revelada, havia realizado o exame no dia 17 de março, tendo o vírus detectado e notificado, oficialmente, cinco dias após o exame.

Para um país que tentava assimilar a chegada da pandemia, as coisas mudaram muito rapidamente e isso pode ser percebido também em Petrolina. Seis dias antes da divulgação oficial do primeiro caso de infecção, a gestão municipal emitiu um decreto que declarava estado de emergência na saúde pública, no âmbito do território do Município de Petrolina, decorrente do Novo Coronavírus (Covid-19).

A pandemia chegou em Petrolina e junto com ela trouxe mudanças emergenciais. As pessoas acabavam de retornar dos festejos de carnaval e a propagação do vírus parecia algo distante até que, infelizmente, chegou, assim como em todos os cantos do mundo. Para as instituições de ensino, a propagação já era esperada e o momento exigia estratégias de combate e prevenção.

No dia 17 de março, data da realização do teste que apontou o primeiro caso de Covid-19, a Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf) emitiu um documento que estabelecia normas e orientações para o funcionamento das atividades acadêmicas e administrativas da instituição, diante da disseminação do

Coronavírus.

A instrução normativa recomendava que os trabalhos administrativos na universidade fossem realizados, em sua totalidade, de forma remota por todos os servidores, a partir do dia 19 de março de 2020. Também foram suspensas todas as atividades extracurriculares, como aulas inaugurais, eventos comemorativos, científicos, artísticos e culturais que poderiam configurar aglomeração de pessoas, bem como o serviço do Restaurante Universitário e o transporte estudantil, que teve a rota alterada.

Em meio às medidas, provavelmente o estágio se encaixasse nessa suspensão, mas isso não aconteceu. Os estágios obrigatório e não obrigatório, que também foram mencionados ao longo das medidas, curiosamente, continuaram sendo mantidos na área de saúde, residência médica e multiprofissional.

A decisão pela suspensão chegou no dia seguinte, após um relatório divulgado através da Comissão responsável pela elaboração, acompanhamento e monitoramento de ações de prevenção do Coronavírus na Univasf. A delegação foi instituída pelo ex-reitor, Julianeli Tolentino de Lima, no dia 12 de março de 2020.

O documento informava as ações realizadas durante todo o mês de março e se fez necessário para relatar as atividades desenvolvidas pela comissão, além de explicar o papel da mesma devido à transição da reitoria, e com a posse do Reitor pro-tempore.

A divulgação do relatório destacou como se deu a suspensão das atividades de estágio no dia 18 de março, após reunião realizada em uma sala do gabinete da reitoria, na Univasf, onde a comissão se encontrou com representantes da Maternidade de Juazeiro, do Hospital Universitário de Petrolina, da Direção da Gerência de Saúde do Estado – GERES Petrolina, da Unidade de Pronto Atendimento Especializado (UPAE) Petrolina, e a Secretaria de Saúde de Petrolina, além de representantes dos profissionais da área da saúde da Univasf/HU.

O encontro discutiu a deliberação acerca da continuidade das atividades de estágio das áreas de saúde, internato e residências, tendo em vista o documento emitido um dia antes, que não suspendeu as atividades dos estágios obrigatórios e não obrigatórios da área de saúde, residência médica e multiprofissional. Ao final, decidiu-se manter apenas a residência.

O inciso II do Art. 1º da Instrução Normativa nº 5, de 17 de março de 2020, passa a vigorar com a seguinte redação: “II - As medidas que tratam o caput não se aplicam à residência médica e multiprofissional”.

Além da decisão de suspender os estágios, algumas sugestões foram propostas e discutidas, como a antecipação da formatura de estudantes que estavam no fim do curso, a mudança de local dos internos dos hospitais para a atenção básica, a possibilidade de manter estudantes de sobreaviso para serem convocados no momento do pico da pandemia, alternativas de colaboração dos estudantes, racionamento

de EPIs e deslocamento de residentes de outras áreas para o “front”, a fim de ajudar no controle da pandemia.

Após as sugestões, também foram elencados pontos de destaque, como as orientações do Conselho Regional de Medicina de Pernambuco (Cremepe), o Sindicato dos Médicos de Pernambuco (Simepe) e a Associação Médica de Pernambuco (Ampe) relacionadas à suspensão dos estágios obrigatórios do internato.

Dentro dos apontamentos, o que chama atenção no teor das discussões referem-se aos problemas que viriam a acontecer, devido a suspensão do internato para os hospitais da região, no momento atípico da pandemia do coronavírus, tópico elencado pelas autoridades durante a reunião, que reforça a importância desse grupo para o serviço de atendimento da saúde local.

Conforme explica as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem, Medicina e Nutrição do Conselho Nacional de Educação (2001), a formação do médico inclui, como etapa integrante da graduação, o estágio curricular obrigatório de treinamento em serviço, em regime de internato.

Ainda assim, os representantes dos colegiados de Medicina e de Enfermagem defenderam que os estudantes não são autônomos e, portanto, ficou estabelecido que permitir a atuação dos alunos no campo de estágio colocaria em risco a vida deles.

Além do iminente perigo quanto à exposição, a falta de EPIs nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) das redes

estadual e municipal para atender os internos, residentes e profissionais de saúde era um agravante também relatado no documento.

Ainda assim, mesmo diante de toda a discussão sobre os riscos e benefícios de inserir o estudante no contexto de pandemia, conforme registrado, alguns participantes destacaram que a pandemia é comparável a uma guerra e todos devem ir para o front. Esse comentário acendia um alerta sobre como ficaria as atividades de estágio e o papel dos estudantes na contenção da pandemia.

As características e regulamentações do estágio como ato educativo escolar supervisionado estão destacadas na lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Em seu artigo 14º, aplica-se a legislação relacionada à saúde e segurança no trabalho ao estagiário, sendo sua implementação de responsabilidade da parte que concede o estágio.

Essas ações previstas na lei de estágio formalizam o direito aos equipamentos e resguarda o estudante do descumprimento das medidas sanitárias, mas, com o agravante da pandemia, já não era mais possível contar com tantos materiais disponíveis no mercado e isso poderia refletir na segurança dos estagiários.

No mês de março de 2020, uma matéria veiculada pelo Fantástico já evidenciava essa a falta de EPI's. Na reportagem, mais de 4 mil denúncias foram contabilizadas entre profissionais de saúde. Alguns dos relatos foram colhidos pela Associação Médica Brasileira e pelo Conselho

Federal de Enfermagem.

Diante das informações adquiridas até este momento, nota-se as discussões sobre o papel do estudante no auxílio e controle da pandemia. As medidas excepcionais refletem na observação do estagiário como indivíduo importante para a esfera do sistema de saúde.

Em um momento de desgaste enfrentado pelo vulcão que a pandemia representava, e que acabava de entrar em erupção em Petrolina, as estratégias de contenção da pandemia acendiam um alerta sobre os próximos passos da inserção dos estudantes no campo da saúde.

No dia 23 de março, quando a Secretaria de Saúde do município já somava 17 casos investigados com suspeitas de Covid-19, a Universidade de Pernambuco (UPE), campus Petrolina, divulgou uma nota suspendendo os serviços de estágio curriculares obrigatórios até o dia 31 de março.

A Faculdade Soberana também publicou um comunicado informando que, diante da situação de Pandemia causada pelo coronavírus, suspenderia totalmente as atividades acadêmicas e administrativas por um período de 15 dias, iniciando no dia 23 de março de 2020 e finalizando em 06 de abril de 2020, podendo o período ser prorrogado conforme orientações do Ministério da Saúde, em prevenção à disseminação do coronavírus.

Ambas as medidas foram prorrogadas, e no dia 27 de março as Universidades que compõem o Consórcio Pernambuco Universitas e os Institutos Federais de Pernambuco decidiram suspender as atividades

acadêmicas presenciais por tempo indeterminado, afirmando uma possibilidade de retorno no momento em que as autoridades sanitárias manifestassem condições para o convívio social.

O Consórcio é um convênio que foi criado em 2014, e tem por objetivo promover a cooperação técnica, científica, educacional e cultural entre Universidades e Institutos Federais do Estado de Pernambuco, que incluem a UPE e UNIVASF, instituições que fazem parte desta pesquisa.

Desse modo, as medidas em questão visavam proteger a vida do estudante de algo ainda não mensurado, a morte. Mas, ao mesmo tempo em que se tentava barrar o convívio desses alunos no ambiente hospitalar, uma forma de inseri-los no combate à pandemia começava a surgir.

Em 23 de março de 2020, a portaria de número 492 foi expedida pelo Ministério da Saúde, voltada aos alunos dos cursos da área de saúde, para o enfrentamento à pandemia do coronavírus. A proposta convocava alunos dos 5º e 6º ano dos cursos de Medicina e do último ano dos cursos de graduação em Enfermagem, Fisioterapia e Farmácia para atuarem junto ao SUS.

Ainda de acordo com o edital publicado no dia 31 de março de 2020, os estudantes que participassem da iniciativa teriam direito a benefícios, que incluíam o recebimento de bolsa. Os valores dos pagamentos seriam de um salário mínimo para estágio supervisionado de 40 horas e meio salário mínimo para estágio de 20 horas, além do recebimento de certificado sobre a atuação.

Os alunos do 5º e 6º ano de Medicina e do último ano de enfermagem, fisioterapia e farmácia ainda receberiam 10% de pontuação em ingresso no programa de residência. Os demais alunos poderiam ter desconto em mensalidade, concedido pela instituição de ensino superior privada a que estiver vinculado. Essas foram as medidas utilizadas para atrair estudantes para o campo de atuação na pandemia.

No estado de Pernambuco, uma ação também surgiu posteriormente, visando o aproveitamento desse estudante. No dia 24 de março, a Secretaria Estadual de Saúde emitiu a portaria de Nº. 108, estabelecendo diretrizes para o desenvolvimento das atividades de Integração do Ensino - Serviço na Rede Estadual de Saúde do Estado de Pernambuco.

O documento trazia, em seu artigo 1º, normas e diretrizes para a inserção de alunos na rede estadual de saúde do estado de Pernambuco, excepcionalmente, no contexto de enfrentamento à pandemia da Covid-19.

Mesmo com tantas mudanças, outras medidas também foram tomadas na busca de reforços para a saúde, como a Medida Provisória Nº 934, publicada no dia 1º de abril de 2020, pelo Governo Federal. A ação estabelecia normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior, decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública.

O texto da medida provisória autorizava a instituição de educação superior a abreviar a duração dos cursos de medicina, farmácia, enfermagem e fisioterapia,

No dia nove do mesmo mês, a portaria número 383 é publicada pelo Ministério da Educação, a fim de tratar dessa antecipação da colação de grau de alunos dos cursos de medicina, enfermagem, farmácia e fisioterapia, como ação de combate à pandemia do novo coronavírus.

Essa portaria não se refere ao estágio pois, uma vez que os alunos se formam, estão aptos a adentrar no mercado de trabalho. Mas, é importante destacar os impactos desta medida do ponto de vista dos próprios estudantes e das instituições de ensino, responsáveis por conduzir essa ação.

Ao mesmo tempo, a portaria que antecipa a colação de grau também é fundamental para destacar a importância do estágio e do profissional formado, uma vez que, não bastasse a ação estratégica "O Brasil Conta Comigo" para auxiliar nas demandas do SUS, o governo ainda instituiu uma nova medida para ter um volume maior de profissionais.

Essas ações colocam em discussão a atuação do estagiário dentro desse ambiente profissional no campo da saúde, apresentando uma importante contribuição, mas também refletindo até que ponto ela pode ser um recurso, já que estamos falando de estudantes e não de profissionais.

Diante disso, as medidas também estabelecem os parâmetros em comparação ao serviço oferecido pelo profissional e pelo estudante, levantando discussões sobre autonomia e equiparação no campo da saúde. Afinal, o que faz o estagiário e como sua atuação pode auxiliar no serviço de saúde?

CAPÍTULO 2

Os reflexos das portarias 492 e 383 do Governo Federal

"[...] A experiência da pandemia foi muito importante. Uma experiência que a gente não teria depois. Foi um amadurecimento muito importante onde eu vivi muita coisa, tanto do meu trabalho, como do meu lado pessoal, que me deixou mais madura em todos os sentidos", afirma Larissa, médica formada antecipadamente através da portaria 383.

De acordo com as diretrizes impostas pelas portarias 492 e 383 do governo federal, estudantes universitários do campo da saúde começaram a ser inseridos no contexto de pandemia, uns através do estágio e outros com a formatura antecipada. Atividades essas, estabelecidas de forma excepcional para a contenção da Covid-19.

Em Petrolina, as medidas também foram utilizadas na Universidade Federal do Vale do São Francisco - Univasf. Estudantes atuaram na tentativa de controle da pandemia e arriscaram suas vidas auxiliando no serviço de atendimento e aliviando as demandas do SUS.

A portaria nº 492 expedida pelo Ministério da Saúde tornava pública a ação estratégica “O Brasil conta comigo”, que agia recrutando estudantes matriculados no 5º e 6º ano dos cursos de medicina e do último ano dos cursos de graduação em enfermagem, fisioterapia e farmácia para atuarem junto ao SUS.

A medida não era obrigatória e cabia aos estudantes decidirem optar pela participação no programa. *Pedro era estudante do curso de medicina da Univasf na época, quando decidiu se cadastrar no programa. Ele tinha acabado de iniciar o internato que havia sido suspenso, em virtude das medidas de prevenção contra a Covid-19.

Agora formado, o médico conta o que o motivou a participar do programa e relata a experiência vivida nos 5 meses em que contribuiu na linha de frente da pandemia. Ele era estudante de Petrolina, mas foi enviado ainda no mês

¹Nome fictício utilizado para resguardar a identidade da fonte.

de março de 2020 para uma cidade pequena, também no Sertão de Pernambuco.

No município que possuía quase 20 mil habitantes, distante cerca de 120 quilômetros, Pedro presenciou o crescimento da pandemia e a alta no número de mortes por Covid-19.

- O pessoal tinha muito medo, sabe... de ir para o hospital, de pegar Covid. Então além da gente ter perdido muitos pacientes porque estavam com medo de ir para o hospital, a gente também perdeu muitos pacientes porque mesmo sintomáticos, muito sintomáticos, eles tinham medo de procurar ajuda. Eu acredito que com medo de ser intubado e acabar morrendo no hospital. Então, o hospital acabou sendo visto como um local de fim de vida, descreve Pedro.

A motivação em participar do programa partia da vontade de adquirir experiência em enfrentar uma pandemia pela primeira vez, mesmo na condição de estagiário, Pedro queria auxiliar na profissão que escolheu para a vida, a medicina.

- Eu pensava muito na experiência que ia me dar, tanto com Covid, que seria uma doença que para mim ficaria por muito tempo, além de ser uma experiência muito interessante participar de uma pandemia, estar dentro do estado mais crítico durante a pandemia. E também, ficar em casa mesmo, porque foi na cidade onde eu moro, então eu poderia ficar em casa como eu fico com meus pais. Eu tive essa preocupação de ficar isolado deles durante todo o período de estágio, mas pelo menos eu fiquei na minha cidade. Então

de estágio, mas pelo menos eu fiquei na minha cidade. Então como não ia me atrapalhar nos estudos porque estava tudo suspenso, ainda consegui ter uma boa experiência como estagiário.

O rapaz diz que não teve contato com a família, já que estava envolvido diretamente no combate a pandemia e também corria o risco de se infectar com a Covid-19. Pensando nisso, decidiu morar só enquanto estagiava pelo programa.

- Meus pais são do interior. Eu participava do programa em uma cidade próxima de Petrolina e meus pais moravam no interior dessa cidade. Aí com a bolsa financeira que eu recebia durante o programa eu consegui alugar uma casa lá e fazia o trajeto do hospital para casa, apenas. Já que eu tinha contato com pessoas com síndromes respiratórias, então tive essa preocupação de não entrar em contato com eles.

O médico relata sua participação no programa e afirma não ter tido muito contato com os casos graves da Covid-19, pois o hospital onde atendia não possuía leitos de UTI para a doença, apenas leitos de enfermaria. Então os pacientes que tinham o estado de saúde agravado foram transferidos para Petrolina.

Ao lado do hospital da cidade, também funcionava o hospital de campanha, uma estrutura de reforço montada para receber pacientes com Covid-19. Ambas as unidades são caracterizadas pelo atendimento de média complexidade.

Aparentemente os hospitais de campanha tinham a função de atender pacientes de casos graves, quando as demais unidades de saúde não tivessem mais leitos disponíveis, mas o estudante explica como funciona a logística de atendimento na saúde.

De acordo com Pedro, os pacientes que evoluíam para casos mais graves não tinham condições de serem intubados lá, devido a estrutura não compatível com uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI).

- Os hospitais de referência para atender os pacientes com estado agravado ficavam em Petrolina e também em Juazeiro, explica o médico.

Essa ligação entre as duas cidades vizinhas também fortalecia a quantidade de leitos de UTI, através da Rede Interestadual de Atenção à Saúde do Vale do Médio São Francisco - Rede PEBA Petrolina/Juazeiro, que existe desde 2009 na região.

A criação da Rede PEBA é fruto de um processo político impulsionado pelos dois municípios sede, Petrolina e Juazeiro, conforme explica Ana Paula Chancharulo, em sua tese de doutorado apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). A pesquisa intitulada “Redes interestaduais de saúde: o caso da rede de atenção à saúde Pernambuco/Bahia”, fala sobre a construção do sistema.

“A formação respaldou-se na aglutinação de gestores municipais, cuja movimentação possibilitou a inserção do trânsito de pacientes entre Petrolina e Juazeiro na agenda

política dos gestores estaduais, e despertou o interesse do Ministério da Saúde. O agir dos atores não é algo vazio, mas acontece em contextos específicos mediados por desejos individuais”, define Chancharulo em sua pesquisa.

Em 2019, um documento emitido pelos Ministérios Públicos Federal de Pernambuco e da Bahia destacava a área de cobertura dos atendimentos da rede PEBA, sendo eles destinados aos 53 municípios que compõem a IV Macrorregião de Saúde de Pernambuco (Salgueiro, Petrolina e Ouricuri) e a Macrorregião Norte de Juazeiro da Bahia (Paulo Afonso, Juazeiro e Senhor do Bonfim), tendo os municípios sedes uma população de mais de 2 milhões de habitantes.

Essa estrutura interligada passou a ser responsável pelos atendimentos de alta complexidade em boa parte dos municípios do Norte da Bahia e do Sertão de Pernambuco, durante a pandemia de Covid-19. O programa de estágio do governo federal “Brasil conta comigo” estava inserido nesse contexto já que dependia dessa rede para o atendimento de casos graves, através de leitos de UTI Covid.

O investimento oferecido pelo governo federal alimentava as demandas do SUS com a incorporação de estagiários no atendimento da população, em troca, esses mesmos estagiários recebiam uma espécie de auxílio para se manter durante o período de prestação do serviço.

Pedro também esclarece que o programa não tinha relação com a Univasf e funcionava com diretrizes próprias. Ele recebia uma bolsa estabelecida pelo edital e, com o

dinheiro, pagava suas despesas pessoais na outra cidade, inclusive os equipamentos de proteção individual que não eram fornecidos pelo hospital, tampouco pela Universidade.

- Eu mesmo comprava os equipamentos. Eu não tinha autorização para usar os equipamentos do hospital e, assim, esse era um programa que não tinha relação com a Univasf, então eu também não recebi nada de lá durante todo o programa.

O jovem sorri aparentando não acreditar no fato de não ter contraído a Covid durante o estágio. Então pergunto se para participar do programa, ele se recorda de ter assinado algum termo ou contrato e ele afirma sem muita certeza que sim, esclarecendo que era um documento enviado virtualmente.

Quando questiono se no documento constava alguma coisa que falasse sobre a distribuição de EPIs, Pedro diz não se lembrar.

- O que eu posso dizer é que o hospital não podia me fornecer. Não lembro se tinha isso em contrato sabe... mas sempre que tinha algum equipamento eu não podia pegar. Eu tinha que comprar por mim mesmo e eu acabei nem reclamando tanto porque usava o dinheiro da bolsa pra isso. Então foi suficiente para mim. A bolsa conseguia me custear.

O edital da ação estratégica “O Brasil Conta Comigo” oferecia benefícios, que incluíam o recebimento de bolsa, certificado sobre a atuação e, ainda, 10% de pontuação em ingresso no programa de residência. Mas as garantias de

segurança também estão previstas no documento, quando se refere a EPI's.

Na parte do edital que trata do recrutamento, o item 6.2. destaca que é de responsabilidade dos estabelecimentos de saúde, no âmbito da Ação Estratégica, o fornecimento de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) aos alunos.

A medida também segue o que já é previsto na lei de estágio, em seu capítulo IV, artigo 14^a, onde é definida a aplicação da legislação relacionada à saúde e segurança no trabalho ao estagiário, sendo sua implementação de responsabilidade da parte concedente do estágio.

Mesmo com seus direitos garantidos por lei, Pedro teve o acesso aos equipamentos negado. Assim como os profissionais de saúde, ele atuava na linha de frente da Covid-19. Mesmo não atendendo casos graves da doença ele estava exposto ao vírus, mas não era enxergado como alguém que atuava na contenção da pandemia.

Então, em que esfera Pedro estava inserido? O que lhe cabia naquele momento? Em tese, apenas a experiência de viver uma pandemia, unida ao desejo de continuar vivo e bem para contá-la. A portaria que recrutava alunos não verificava as efetivas ações de segurança deles, e a quem isso deveria ser reportado? Não se sabe. Cabe ao estagiário apenas cumprir sua carga horária e, na medida do possível, sobreviver aos riscos.

Essa preocupação com os estudantes em relação às diretrizes do programa “O Brasil Conta Comigo” já havia

sido mencionada pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS). O órgão vinculado ao Ministério da Saúde não parecia seguir de acordo com a medida estabelecida pela pasta e fez ressalvas sobre a convocação de estudantes para a linha de frente, sendo esta, somente em último caso.

A manifestação do CNS foi divulgada através da recomendação Nº 24, do dia 20 de abril, tratando especificamente das ações relativas à atuação de estudantes de saúde em formação no contexto da Ação Estratégica “O Brasil Conta Comigo”.

“A atuação de estudantes de saúde em formação, na linha de frente do cuidado, seja, indiscutivelmente, a última medida para suprir a necessidade de força de trabalho assistencial em saúde e, portanto, após esgotados todos os esforços de chamamento de profissionais com aprovação em concursos prévios ou processos seletivos emergenciais de contratação, suplentes de concursos das diferentes esferas de gestão do Sistema Único de Saúde ou setor privado de saúde, profissionais formados que ainda não estejam inseridos no mercado de trabalho e profissionais em programas de residência médica ou em área profissional da saúde”.

A Comissão Intersetorial de Recursos Humanos e Relações de Trabalho (Cirrth) do CNS também acompanhava as medidas e temia a falta de informações consistentes que definissem como tais ações seriam formalizadas, executadas e efetivamente orientadas e supervisionadas.

“Entendemos que os estudantes podem desenvolver outras

ações, como ajudar na organização dos atendimentos junto aos serviços de saúde, em ações de orientação ou junto às Universidades na produção de materiais que possam ajudar nesse combate, como estão fazendo estudantes de Farmácia na produção de álcool em gel 70%. Ou seja, existem outras atividades que eles podem exercer, na linha de frente do combate, que não estão vinculadas à assistência direta”, afirmou em documento a conselheira nacional de saúde e coordenadora-adjunta da Cirhth, Manuelle Matias, que representa a Associação Nacional dos Pós-Graduandos (ANPG) no CNS.

Pedro estagiou na ação estratégica entre maio e outubro de 2020, no momento mais temido da pandemia, onde não havia previsão de início da vacinação e o Brasil ultrapassava a marca de 150 mil mortos por Covid-19, com média móvel de óbitos acima de 500. Em Petrolina e nos 22 municípios do Sertão de Pernambuco, o mês de outubro terminou com 17.093 casos confirmados, 14.601 curas e 309 mortes por Covid-19.

No campo de estágio, o aluno realizou importantes atividades como atendimentos iniciais de pacientes e passagem de casos aos profissionais responsáveis, uma espécie de triagem que permite o paciente chegar ao médico com mais qualidade no que diz respeito ao diagnóstico.

Pedro define a experiência vivida como uma grande formação para a vida. Encarar a pandemia ainda como estagiário lhe permite ter vivido o que muitos colegas de turma não puderam, o que lhe coloca um passo à frente na

rotina profissional.

- Como um estágio foi engrandecedor para mim, sabe. Eu voltei com outra cabeça e até com um diferencial entre os colegas, porque a gente tinha acabado de entrar no internato, então para minha formação acabou sendo muito bom. Mesmo sendo no interior e mesmo conversando com outros colegas que ficaram em Petrolina ou Juazeiro e tendo experiências com pacientes respiratórios muito mais importantes, a experiência que eu tive foi única.

Por fim, questiono Pedro se ele considera que os estagiários foram importantes para a combate a Covid-19, o que ele diz não saber, mas o médico reforça com plena certeza a verdadeira necessidade do sistema de saúde na pandemia, a falta de profissionais.

- Acho que eu posso te dizer até com um pouco de propriedade, porque eu peguei essa fase de estudante e agora profissional. Então ainda há uma carência muito grande de médicos nos interiores e nas cidades de forma geral. Não só pela pandemia, sabe. A gente precisa ainda de muitos médicos nos interiores, pois não chega e existe a demanda para isso. Mas assim, eu acho que a gente fez um papel importante pela experiência que esse momento nos deu. Agora eu não sei dizer se a gente fez tanta diferença como estagiários, eu acho que a gente faria mais diferença como médico.

A afirmação de Pedro diz muito sobre as necessidades do SUS, refletindo na carência de profissionais e nos serviços que somente eles podem exercer. A assistência

oferecida pelos estagiários, apesar de muito útil, não parecia ser suficiente quando se tratava de demandas que exigiam autonomia e atitudes decisivas dentro de um ambiente hospitalar, características que só um profissional formado poderia exercer.

A manifestação do CNS foi divulgada através da recomendação Nº 24, do dia 20 de abril, tratando especificamente das ações relativas à atuação de estudantes de saúde em formação no contexto da Ação Estratégica “O Brasil Conta Comigo”.

UM PROCESSO DE METAMORFOSE NA PANDEMIA

O dicionário define o termo metamorfose como uma mudança completa de forma, natureza ou estrutura; transformação, transmutação. No campo da biologia, a metamorfose é uma mudança relativamente rápida e intensa de forma, estrutura e hábitos que ocorre durante o ciclo de vida de certos animais, citando como exemplo a transformação da lagarta em borboleta.

Em nós humanos, a transformação pode significar diversos acontecimentos e situações. Etapas que nos fazem exercer um novo estilo de vida ou que demandam novas formas de comportamento. Para um estudante, certamente a metamorfose pode ser pensada como algo a ser quando se formar.

Com alguns alunos dos cursos da saúde, essa metamorfose seria apressada pela portaria nº 383, emitida

A medida antecipava a colação de grau de alunos dos cursos de medicina, enfermagem, farmácia e fisioterapia, como ação de combate à pandemia do novo coronavírus.

As instituições pertencentes ao sistema federal de ensino estavam autorizadas, em caráter excepcional, a anteciparem a colação de grau dos alunos regularmente matriculados no último período dos referidos cursos, desde que completada 75% da carga horária prevista para o período de internato médico ou estágio supervisionado, enquanto durasse a situação de emergência em saúde pública decorrente da pandemia.

Assim, no dia 24 de abril de 2020, 32 estudantes da turma 20 do curso de medicina da Univasf, campus de Petrolina (PE), realizaram a colação de grau antecipada. A iniciativa formou a primeira turma da região através da medida que funcionava como parte das estratégias adotadas para o enfrentamento à pandemia de Covid-19.

A Univasf foi uma das primeiras instituições a realizar a colação de grau antecipada de um curso de saúde no país, e esse processo de aceleração gerou diversas dúvidas sobre como as coisas aconteceram e como essa atitude pode ter sido benéfica para atender as demandas do sistema de saúde. Também se faz necessário compreender como ficaram os estudantes nessa história, já que enfrentaram um processo de mudança em um período extremamente delicado para a saúde.

Larissa estava entre os 32 alunos que se formaram. Ela explica como se deu o processo que antecipou sua

formatura e o que aconteceu após o evento. A médica destaca que a medida foi uma iniciativa dos alunos com o aval da Univasf, que formalizou todo o processo de acordo com as diretrizes da portaria.

- Essa iniciativa partiu da nossa turma antes mesmo de sair a medida. A organização partiu do DA (Diretório Acadêmico), inclusive antes de ter a troca de reitor. E aí foi quando o novo reitor assumiu e ele queria como se fosse mostrar serviço. Era tipo, um médico assume e como é que um médico assume e não vai formar médicos? Não foi uma medida estudada, sabe... então existia uma pressão implícita de um médico assumir e ter que formar médicos. Mas não foi nada estudado não.

A decisão não era algo a ser decidido facilmente e causava receio nos estudantes. De acordo com Larissa, a decisão pela colação de grau partia da ideia de que os estudantes poderiam ajudar muito mais como médicos do que como estagiários.

- Nós ficamos receosos. Mas assim, de qualquer forma a gente ia encarar a pandemia, seja no internato ou trabalhando. E aí a gente só tinha medo de entrar em um internato que não ia ser bom, que não ia ser proveitoso. Entrar em um cenário em que a gente ficaria afastado dos pacientes, que ficaríamos presos em um serviço que não ia render... então o que nos deu medo foi isso.

A preocupação de Larissa com um internato estava em não realizar um atendimento eficiente. As atividades de estágio ainda estavam suspensas, mas a possibilidade de

retorno poderia alterar a forma como ele era exercido. Ela me explica como funcionava a rotina de um estagiário em regime de internato e a importância dos alunos para as unidades de saúde.

- Os estudantes são os primeiros a chegarem no serviço. Eles examinam todos os pacientes. Depois chegam os residentes, pegam como se fosse o resumo e vão dar uma olhada nos pacientes mais complicados, e ambos passam o caso para o preceptor. Aí o caso é discutido na enfermaria e depois são feitas as orientações e condutas junto com o preceptor. Então o interno mais uma vez pega os dados e passa tudo para o computador, faz a evolução que a gente chama. Se foi uma admissão, que a gente chama quando o paciente é novo, é o interno o responsável por organizar a história do paciente, coletar dados, fazer exame físico, organizar as hipóteses diagnósticas, fazer o plano e orientar do jeito que o preceptor discutiu o caso. Depois passar para o paciente a forma como o caso foi discutido. Tudo isso é feito pelo interno e no final os residentes e, às vezes, os preceptores carimbam. Então basicamente são os internos que tocam o serviço.

Quando eu pergunto se a médica se sentia preparada para atuar, ela nega e esclarece que a decisão partia de uma necessidade presente no contexto em que estavam vivendo.

- Eu não me sentia preparada. Eu me sentia pressionada pelo contexto. De um lado eu tinha um internato que não ia me render nada, com um ensino que ia ser falho... totalmente. Isso já estava declarado, porque quando a gente tentava de

todas as formas voltar a estudar... voltar para o serviço, ninguém deixava. Só falavam que não tinha material, que os estudantes não eram essenciais e que nesse momento a gente não ia ter o que fazer lá. Também se a gente voltasse não ia ser do jeito que deveria ser, pois ficaríamos sem atender os pacientes... aí a gente se sentia pressionado. Então pensamos, se voltarmos agora vamos fazer o que? Já que não vai ser um ensino de qualidade, a gente não vai pegar no paciente, então que medicina é essa? Do outro lado tínhamos uma formatura precoce. De certa forma acredito que eu e meus colegas nos sentimos pressionados a formar.

A médica também destaca como se sentiu ao saber sobre a confirmação da portaria que antecipava a colação de grau de estudantes da saúde. Mesmo concordando que a formatura era o ideal a ser feito no momento, saber que oficialmente se tornaria uma profissional a fez refletir bastante.

-Quando saiu a medida eu me senti na pressão do tipo, e agora? Vou recuar? Vim até aqui e vou cumprir meu papel de ir à luta ou vou me esconder? Era tipo isso. Eu vou ficar em casa ou vou trabalhar? Porque eu to aqui, posso me formar! Mas vou trabalhar ou não? Então eu me senti pressionada nesse sentido, mas quis formar assim como meus colegas também se formaram e a maioria foi para a linha de frente da Covid-19. Muitos colegas foram para o plantão, UTI Covid... a maioria.

Em determinado momento também pergunto se ela se arrepende de ter antecipado a formatura:

- Não. Não me arrependo. Faria tudo de novo. Acho que valeu a pena. Eu acho que de certa forma foi uma formatura prematura no sentido de que a gente poderia ser mais experiente e ter vivido mais coisa, sabe? Mas também a experiência da pandemia foi muito importante. Uma experiência que a gente não teria depois. Foi um amadurecimento muito importante onde eu vivi muita coisa, tanto do meu trabalho, como do meu lado pessoal, que me deixou mais madura em todos os sentidos.

O sentimento de dúvida fez parte da vida desses alunos que se viram em uma pandemia de Covid-19. Várias questões estavam em jogo, como antecipar ou não o curso, atuar ou não na pandemia. Com o estágio suspenso pelas universidades, muitos sentiram a necessidade de ajudar, contribuir de alguma forma e, além do programa de estágio “O Brasil conta comigo”, único vigente no momento, a saída para muitos deles foi a antecipação dos cursos.

Essa opção de ter novos profissionais para atuar na pandemia pode ter soado contraditória ou duvidosa em certo momento, mas a prática da portaria e o seu exercício gerou benefícios essenciais para a qualidade da saúde tanto em Petrolina, como na região. Larissa conta que o trabalho chegou imediatamente para os recém-formados, bem como a precariedade exposta no SUS, agravada na pandemia.

- Nossa turma foi a primeira a se formar na pandemia, porque a gente precisava de mais médicos em campo para atender, já que tínhamos uma demanda muito alta, o serviço estava colapsando e estava tudo fechado porque ninguém

atendia mais a rotina. A gente não atendia mais hipertenso, não atendia diabético e agora só atendia sintomático, então praticamente deixamos de atender a população em geral e a partir daquele momento foi só paciente com sintoma gripal. Isso foi uma coisa que a gente viu que fez mal, porque hoje a gente já sabe que mais gente morreu de outras causas. Pessoas morreram de infarto, porque evitavam ir ao hospital. Mais hipertensos deixaram de ser acompanhados e isso descompensou. Mais diabéticos foram amputados porque também descompensou. Mais crianças deixaram de ser acompanhadas com exames de rotina e tiveram complicações com isso. Então a gente deixou, perdeu esse acompanhamento dos pacientes por mais ou menos dois anos.

Após formada, Larissa e outros médicos foram atuar no interior da cidade de Petrolina e Juazeiro. Ela comenta que tinha uma expectativa muito grande de ajudar na pandemia, mas ela não esperava que fosse diagnosticada com Covid-19.

- Eu acho que peguei Covid em duas semanas. Eu fui trabalhar em posto de saúde, fui trabalhar em pronto atendimento e então eu sempre tomei muito cuidado. Mas peguei Covid de uma forma inesperada, porque não fui contaminada no trabalho, e sim onde estava hospedada.

Depois de duas semanas de isolamento, a médica retornou ao trabalho em uma unidade de atendimento de uma cidade pequena, no interior de Juazeiro. Lá ela trabalhou por cerca de um ano e viu de perto as necessidades enfrentadas no

SUS.

- Eu sou defensora do SUS. Sempre fui. Gosto muito de trabalhar no sistema. Mas assim, nenhum serviço é perfeito e o SUS ainda tem muita dificuldade. A gestão dele ainda tem muita dificuldade em dar suporte. Então falta muita coisa em muitos lugares, e eu sempre digo que se a gente for esperar o lugar perfeito, não vamos trabalhar. Mas tem lugares que são muito difíceis. Na unidade de saúde que eu trabalhava, a gente chegou a fazer ressuscitação cardiopulmonar que precisa de no mínimo cinco pessoas, e só tinha eu e duas técnicas.

Instituído no Brasil em 1988, por ocasião da promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) passou a oferecer acesso integral, universal e gratuito aos serviços de saúde para todo cidadão brasileiro.

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) explica que o programa é considerado um dos maiores e melhores sistemas de saúde públicos do mundo, beneficiando cerca de 180 milhões de brasileiros e realizando por ano cerca de 2,8 bilhões de atendimentos, desde procedimentos ambulatoriais simples a atendimentos de alta complexidade, como transplantes de órgãos.

Mas os problemas também fazem parte deste programa, como afirma a Fiocruz, destacando que os desafios são muitos, cabendo ao governo e à sociedade civil a atenção para estratégias de solução de problemas diversos, identificados, por exemplo, na gestão do sistema e também

na falta de recursos.

Completando mais de três décadas, o SUS segue resistindo e enfrenta o maior desafio de sua existência com a pandemia de Covid-19, precisando unir esforços dos profissionais de saúde e estagiários para que a tragédia no Brasil não fosse maior que o número de 669 mil mortos, registrados em junho de 2022.

O momento exige reflexão para o sucateamento da instituição e um novo olhar sobre os investimentos de que o sistema precisa para, além de sobreviver, voltar a oferecer melhor qualidade de vida para quem trabalha e também para quem precisa ser atendido.

As experiências registradas na pandemia com as portarias 492 e 383 nos mostram um verdadeiro trabalho de cooperação no SUS, onde todos os integrantes da saúde ajudaram de alguma forma. Desde o profissional ao estudante, os esforços se davam através do atendimento inicial ou enfrentando os cenários mais adversos presentes nas unidades de saúde, muitas vezes com pouco recurso, mas sempre com muito trabalho.

A manifestação do CNS foi divulgada através da recomendação N^o 24, do dia 20 de abril, tratando especificamente das ações relativas à atuação de estudantes de saúde em formação no contexto da Ação Estratégica “O Brasil Conta Comigo”.

CAPÍTULO 3

Os desafios do estágio: retorno, cooperação e aprendizagem

"[...] eu acho que a gente qualifica o serviço, a gente melhora o serviço e colabora com o Sistema Único de Saúde".

A pandemia interrompeu as atividades presenciais nas universidades por cerca de cinco meses. Ao longo desse período, algumas medidas foram instituídas em Petrolina a fim de retornar com os serviços no município. No dia 29 de maio de 2020, a prefeitura emitiu um decreto que regulamentava a retomada programada da economia no município, em face da pandemia causada pelo Coronavírus.

As ações tratavam de medidas referentes a administração pública, comércio, agropecuária, indústria, transporte público, templos religiosos, construção civil, parques e orla fluvial, além de restaurantes, bares, academias, museu, biblioteca, teatros, cinemas, centros de artesanato, clubes sociais, ilhas e passeios turísticos.

O documento não abordava nenhuma questão referente ao estágio. No que se refere à educação, apenas destacava que o retorno das aulas da rede municipal de ensino público deveria ser determinado por meio de portaria expedida pela Secretaria Municipal de Educação.

Logo depois, no dia 16 de junho de 2020, o Ministério da Educação emitiu uma portaria que tratava da substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durasse a situação de pandemia, já que as atividades estavam suspensas. Teria início neste momento, um processo de retomada na educação superior.

A medida foi rebatida pelo Conselho Nacional de Saúde, que publicou um parecer manifestando desacordo referente a substituição de atividades presenciais por atividades mediadas através de meios digitais nos cursos da

área da saúde.

O documento citava tanto o ensino teórico quanto as atividades práticas, argumentando que essas atividades práticas estão presentes em todos os períodos, desde o início da graduação com diversidade de cenários na rede do SUS, práticas inter-relacionais, aprendizados em ato, interações comunitárias, que não são possíveis de serem realizadas à distância.

“O uso de tecnologias virtuais deve ser incorporado como dispositivo pedagógico auxiliar no processo de ensino, não para substituir o ensino presencial e sim para fortalecer e qualificá-lo, tanto em situações inusitadas como a COVID-19, como para consolidar seu uso no futuro de forma coerente com formação de qualidade. Entretanto, mesmo em condições de pandemia ou outra emergência sanitária, os recursos virtuais não suprem completamente o trabalho em saúde e, portanto, não abarcam as condições em que a maior parte das habilidades e competências profissionais devem ser desenvolvidas nas atividades de estágio, em situações reais. E, reiterando, a condição de pandemia não isenta os serviços e as instituições de ensino de providenciarem as condições necessárias de segurança física e psicossocial aos trabalhadores e aos estudantes e preceptores, assim como ocorre cotidianamente nas iniciativas de ensino em ambientes de maior risco”.

O parecer também fazia um paralelo entre as medidas lançadas pelo governo no início da pandemia, referentes ao programa de estágio “O Brasil Conta Comigo”

e à portaria que antecipava a colação de grau de cursos da saúde.

A nota afirmava ser contraditório que o mesmo aparato governamental que convocava publicamente estudantes e profissionais recém egressos da formação superior para a atuação isolada e sem garantias adequadas de segurança, utilizasse do argumento da virtualidade para a formação e, ironicamente, para a proteção dos estudantes e profissionais.

Já em 1º de julho de 2020, o Ministério da Educação emitiu a portaria nº 572, que divulgava o Protocolo de Biossegurança para retorno das atividades nas Instituições Federais de Ensino. A medida também esclarecia que o protocolo poderia ser utilizado pelos demais sistemas de ensino.

Alguns dias depois, em 13 de julho de 2020, o governo de Pernambuco emitiu um decreto permitindo a realização de aulas práticas e de práticas de estágio curricular presenciais, relativas ao primeiro semestre letivo nas instituições de ensino superior situadas em todo o estado.

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO (UPE), CAMPUS PETROLINA

O retorno das atividades práticas se deu ainda em julho, com a inserção dos estudantes no serviço de

atendimento de unidades de saúde. A Universidade de Pernambuco (UPE) estava entre as unidades que articularam a volta do estágio neste período, marcado por medo e encorajamento, como destaca *Vanessa¹, egressa do curso de fisioterapia da instituição.

A jovem conta que voltar a estagiar não foi uma decisão fácil, mas optou por enfrentar o momento porque queria concluir logo o curso. Os professores também sabiam dos riscos presentes no estágio e, segundo Vanessa, também tentavam alertar e aconselhar os alunos sobre o retorno, devido ao caso atípico de pandemia e os riscos que a prática envolvia.

- Até os professores diziam “gente, vocês pensem muito bem, porque vocês sabem que não tem vacina. A UPE, se acontecer alguma coisa, o único seguro que tem é de R\$ 5 mil. Então vocês sabem que esse dinheiro não dá pra nada”. Então eles alertaram sobre tudo e eu estava com muito medo e minhas amigas também, conta.

Mesmo sem saber se era a decisão certa, Vanessa decidiu estagiar e também encorajou as amigas, que a acompanharam na decisão. O estágio foi realizado em dois hospitais e no ambulatório de uma clínica particular.

Em um dos hospitais que estagiou, a fisioterapeuta atuou na UTI e relata como foi o processo de atendimento, onde explica que era inevitável não ter contato com pessoas infectadas com a Covid-19.

- É o seguinte... como estava no início, alguns sinais deixavam a equipe confusa, sem saber se era realmente

¹Nome fictício utilizado para resguardar a identidade da fonte.

Covid ou se não, então a gente atendia sim os pacientes, porém quando era no outro dia que fazia teste era que dava positivo. Por isso a gente não sabia que tinha paciente com Covid ali.

Paramentada com máscara N95, óculos, face shield, capote, conforme é chamado o avental cirúrgico, touca e luvas, além de outros itens, Vanessa enfrentava uma rotina de cuidados extremos com medo de ser infectada com a Covid.

- O celular mesmo eu colocava todo protegido com um papel plástico, porque eu ficava com muito medo, sabe. E aí os pacientes com Covid a gente não atendia lá de jeito nenhum. Tinha uma sala reservada e tal e só quem atendia eram os profissionais do setor mesmo, esclarecendo que os estagiários não tinham contato com os casos que já estavam confirmados.

A coragem para encarar o retorno ao estágio buscou amparo nas orações e na fé, além do desejo de Vanessa em busca de uma vida melhor através do diploma.

- Sinceramente, eu sou muito apegada a Deus, então eu não tenho como falar disso sem citá-lo. Eu estava muito preocupada porque eu queria muito terminar a graduação, então orei muito e pedi muito ao senhor que me direcionasse e me ajudasse a entender se realmente era pra ir ou se não. Eu estava com muito medo, mas eu precisava terminar urgentemente porque queria me formar logo para trabalhar, e outro motivo também era a condição financeira. Eu sou de família humilde e a faculdade era aquele meio que eu

precisava concluir para conseguir ter uma vida melhor. Uma vida mais confortável e um trabalho melhor. Então pedi direção a Deus e coragem onde, inicialmente, apenas eu coloquei o meu nome.

Para se formar, Vanessa precisava cumprir a carga horária de estágio obrigatório que abrange os três setores da saúde, sendo eles o primário, voltado para a atenção básica, depois o secundário, de atenção especializada e, por último, o setor terciário, que compreende os hospitais e os casos de alta complexidade.

Com a pandemia, essa base curricular foi alterada e a egressa do curso de fisioterapia nem chegou a passar pelo nível primário de atenção básica. O acompanhamento do estágio era feito pelos professores da UPE, onde cada docente cuidava de uma unidade de saúde.

- A gente fazia chamada de vídeo e eles perguntavam como a gente estava, como estava o setor, e eu sempre fui muito sincera, então eu sempre disse tudo. Desde os riscos até o que a gente tinha de benefício no local. Os professores sempre estavam dispostos a nos ajudar, então quando estava perto de acabar EPI, eles já providenciavam mais para que não faltasse de jeito nenhum.

A prática do estágio em si existe para promover o contato do estudante com o cotidiano da profissão, por isso a atividade presente no currículo da universidade é considerada requisito para a formação dos estudantes. Em sua essência, o que se leva do estágio são as experiências e os aprendizados vividos dentro do campo de atuação.

Com a pandemia, esse exercício foi intensificado e o estagiário também passou a ser visto como um importante reforço na saúde. Vanessa define a atuação como estagiário de destaca a importância dessa prática dentro das unidades de saúde, durante a pandemia de Covid-19.

- Eu vejo o quanto foi importante pra gente estar no período de estágio porque todos os profissionais estavam muito sobrecarregados em atender os pacientes que eram de Covid e os paciente que não eram de Covid. Às vezes minha preceptora estava comigo e chegava dizendo “gente, o paciente fulano de tal está passando mal por causa da Covid”. Aí ela saía correndo para atender. Então quando eu sabia que estava cuidando de uns pacientes e atendendo eles naquele momento, isso ajudava ela, por saber que ela estava dividindo o fardo, entendeu? Por estar tão sobrecarregada, porque a Covid infelizmente foi o que gerou nos profissionais uma alta demanda, com escassez de profissionais e de materiais. Então eu acredito que foi muito importante a gente ter ido para o estágio naquele período para ajudar aqueles profissionais que estavam tão sobrecarregados. É tanto que quando a gente acabou [o estágio] eles comentaram “minha gente pelo amor de Deus, por favor, diga que vão voltar mais, porque vocês são muito importantes”.

Para além da ajuda aos profissionais, o estagiário vive uma experiência de reflexão e vocação sobre a profissão, como explica a fisioterapeuta.

- O estágio é o local onde realmente a gente se posiciona

como um profissional. Ali é o período onde a gente vai juntar a disciplina do primeiro período até o último. Então é muito importante nós como estudantes estarmos lá para ajudar na nossa formação acadêmica, na nossa formação como pessoa e também como profissional de saúde. O que que a gente vai fazer? Então a gente vai colocar em risco a nossa saúde para ajudar o paciente ou não? O que vamos fazer? No estágio todas essas situações nos colocam para pensar e refletir. Outra coisa também é o senso de responsabilidade em saber que o profissional de saúde é isso...é não ter material e decidir se vai deixar aquele paciente morrer ou se vai colocar a vida realmente em risco? Vai estudar porque muitas vezes tem dificuldade em colocar um parâmetro e aquele paciente está precisando do ventilador mecânico, então cadê sua responsabilidade? Cadê a sua ética? Como é que você vai fazer aqui? Então todos esses aspectos são muito importantes para a formação de um profissional, tanto que no primeiro dia quando eu cheguei em casa eu pensei “Meu Deus, e agora, o que é que eu faço? Será que eu aguento essa pressão? Será que eu aguento toda essa responsabilidade?”.

SOBERANA - FACULDADE DE SAÚDE DE PETROLINA

A faculdade particular Soberana teve seu retorno no mês de agosto, seguindo as medidas do estado que autorizavam a atividade de estágio. *Marcela² é estudante do curso de odontologia e conta como se deu o início das atividades. O curso é um dos mais antigos da instituição e

²Nome fictício utilizado para resguardar a identidade da fonte.

foi inaugurado no ano de 2018.

Marcela acompanhou todo o processo de suspensão das atividades que seguiram as medidas do governo municipal, estadual e federal. O retorno do estágio, assim como na UPE, também seguiu recomendações. Mas diferente da outra instituição, a Soberana realizou reformas estruturais para receber os estudantes, já que parte das atividades práticas sempre aconteceram no laboratório da própria faculdade.

- Junho foi período de férias e julho também, então em março, abril e maio nós tivemos aula exclusivamente à distância. Não tinha prática nem nada, aí quando eles decretaram que a gente poderia voltar em agosto também gerou muito desconforto. Por exemplo, eu vivia em casa, então pra mim foi angustiante voltar a essas atividades e essas aulas, porque eu não saia de casa para absolutamente nada, e não tinha vacina. Então a gente teve que voltar para a clínica... eles disponibilizaram manual de biossegurança, tentaram de certa forma trazer um conforto para que a gente se sentisse bem ao voltar às aulas, mas em agosto a gente precisou voltar de verdade, explica Marcela.

Como instituição particular, a Faculdade Soberana conseguiu manter as aulas dos cursos à distância, mas a prática de estágio seguia suspensa no primeiro semestre de 2020. Os mesmos recursos que permitiram as aulas EAD, também favoreceram a estruturação do prédio da instituição para o retorno das atividades práticas, como descreve a aluna de odontologia.

- Eles tomaram várias medidas de segurança na faculdade, por exemplo, a gente sempre usava jaleco de pano e não podia mais. Era um jaleco descartável, com uma gramatura 40 que é mais grosso e impermeável, para evitar que saliva e sangue chegassem à nossa pele e à nossa roupa. A máscara N95, óculos de proteção e face shield eram obrigatórios. Eles colocaram um aparelho na clínica em que depois que a turma terminava de atender, todo mundo saía, e ela é uma luz ultravioleta que esteriliza o ambiente em que a gente estava atendendo. Até hoje eles fazem isso. Depois de cada turma eles utilizam o aparelho. Tem outro equipamento que suga o aerossol, que é emitido também durante o outro procedimento.

As medidas evidenciadas por Marcela refletem sobre as diferenças que ilustram o cenário das instituições pública e privada na esfera da educação, em que na primeira vive-se o empecilho da precarização, agravado pela crise de saúde pública da pandemia de Covid-19. Enquanto Univasf e UPE suspenderam suas atividades, faculdades como a Soberana conseguiram administrar esse ensino remotamente para realizar os reparos necessários e, posteriormente, receber os alunos, sem oferecer prejuízo ao tempo de conclusão de curso deles.

O tempo, aliás, é um fator determinante no retorno dos estudantes ao estágio. Como já explicado por Vanessa, a necessidade de concluir a etapa da graduação passa pelo estágio curricular obrigatório e, na saúde, a prática presencial na pandemia significava o pesadelo de muitos

estudantes. Marcela precisou decidir entre trancar o curso sem saber quando poderia se formar ou encarar a realidade da exposição ao vírus.

- O retorno para o estágio foi muito complicado porque tinha pessoas como eu que não queriam voltar. Eu voltei em agosto junto com o estágio obrigatório da faculdade. Alguns alunos não queriam e outros realmente não estavam ligando muito para essa questão da pandemia. Eles queriam com urgência voltar para terminar o curso. Eu cheguei a conversar com os meus pais e a gente pensou em trancar a faculdade, porque ninguém tinha tomado a vacina e nem previsão de quando ela chegaria, então foi horrível.

Marcela explicou que a decisão de retornar também foi discutida com a faculdade, mas as condições para quem não voltasse implicaria em um atraso grande na grade curricular.

- A gente fez uma chamada com o coordenador da faculdade e ele explicou para minha turma que a gente ia voltar e, assim, a minha turma foi a primeira, e agora tem as turmas novas com a grade curricular diferente da minha. Então se eu trancasse o meu curso, para voltar a pagar essas disciplinas eu teria que esperar a faculdade ofertar novamente, e talvez não fosse a mesma disciplina que a desses alunos que estão entrando agora. Eu teria que esperar uma turma que tem a mesma grade chegar naquele período. Isso eles deixaram muito claro pra gente. Eles estavam seguindo as normas da prefeitura e do Conselho de Odontologia para o retorno, e se a gente quisesse retomar

nosso curso teríamos que voltar.

Decidir sobre um retorno de exposição e riscos mexeu com a cabeça da estudante, que se viu sem saída e com muito medo.

- Isso foi muito ruim porque eu não saía de casa nem para ir ao mercado. Eu realmente me isolei de verdade. Na minha cabeça, se eu saísse, o vírus ia pular em cima de mim. Então foi muito difícil, ainda mais porque lá na faculdade a gente não tem um turno de clínica e vai embora. A gente tem clínica, aula prática e fica o dia todo na faculdade, explica.

Mesmo assustada, Marcela enfrentou a rotina na faculdade e descreve os passos exaustivos presentes na vida de estudante, ao retornar para casa diariamente, após as rotinas de estágio e aulas práticas.

- Eu acho que o pior pra mim, além de estar em contato com a boca do povo, é saber que naqueles momentos eu teria que estar com pessoas que não estavam levando a vida que eu levava. Eu chegava em casa, desinfetava tudo, tirava minha roupa, colocava em um saco, tomava banho do lado de fora da minha casa, onde tem um chuveiro, e entrava em casa já com tudo desinfetado. Mas eu sabia que ninguém fazia isso. Então foi muito ruim. Eu acho que só melhorei mesmo quando meu irmãozinho tomou a vacina, em dezembro de 2021. Depois que ele tomou a vacina e meus pais também já tinham sido vacinados, a gente começou a pensar em voltar à vida normal.

Além das mudanças estruturais da faculdade, outras medidas também foram tomadas dentro da instituição, a fim

de prevenir e promover uma orientação adequada sobre a contaminação na pandemia. De acordo com Marcela, o local emitiu protocolos de biossegurança e cobrava essas orientações com frequência dos alunos.

- O que eu via muito na faculdade eram os professores realmente cobrando essa questão da biossegurança, dos alunos sempre respeitarem os protocolos, porque eles sabiam dos riscos que a gente corria de certa forma, até porque eles também corriam riscos.

O retorno da prática de estágio pode ter causado um momento assustador na vida dos estudantes, a exemplo de Marcela, mas os depoimentos mostram como a atividade se faz necessária, não só do ponto de vista da aprendizagem, mas também da melhoria do serviço ofertado aos moradores do município.

A clínica escola da faculdade em que Marcela estuda oferece, através do estágio, uma série de serviços gratuitos à população carente de Petrolina. A odontologia não foi vista como um serviço de combate direto à Covid-19, como explica a estudante. A área está ligada à parte dos serviços de saúde que foram menosprezados durante a pandemia, isso porque as pessoas tinham medo de se expor aos centros de saúde e se contaminar, e também pelo fato de que o próprio SUS vivia um dilema de sobrecarga e colapso, conforme expressado por Marcela.

- Quando a gente parou de estagiar, o serviço odontológico do SUS de Petrolina ficou um pouquinho sobrecarregado. Isso é algo que eles até reconhecem. A gente realmente

desafoga os postinhos daqui porque a demanda é muito grande.

Logo, o medo da jovem se transformou em dedicação e auxílio ao sistema de saúde. Com a pandemia tomando as atenções para os casos de síndrome respiratória, os serviços básicos de atenção à saúde bucal precisavam de suporte.

- Quando a gente voltou, houve um grande desafio e os profissionais dos postinhos conseguiram respirar um pouco aliviados porque a gente estava dividindo esses pacientes com eles. Então muitos pacientes negligenciaram a saúde bucal, porque ela se torna uma preocupação secundária quando se está vendo a pandemia e você tem milhares de mortes em uma semana. Um número altíssimo... então esse atendimento se tornou uma preocupação secundária e, quando esses pacientes voltaram pra gente, eles apresentavam uma condição muito precária. Então a nossa contribuição diz respeito às consequências da saúde bucal deixadas pela pandemia.

Durante os desafios do atendimento e do cuidado com a saúde bucal dos pacientes, Marcela declara nunca ter se infectado, mas também destaca que já enfrentou casos de pacientes positivados com a Covid-19 durante o atendimento.

- Os pacientes passam por uma triagem até hoje, através do pessoal do curso de enfermagem, que faz perguntas específicas no procedimento, a fim de saber se o paciente teve contato com alguém infectado ou se teve Covid

recentemente, só que eles não querem perder a vez no atendimento. Esse é um atendimento que eles estavam esperando para acontecer, então eles mentem. Eles afirmam não ter sintomas ou dizem que não tiveram contato com ninguém. Então já aconteceu várias vezes isso. Teve uma criança mesmo que atendi e percebi que ele estava tossindo muito. Era uma tosse seca e ela tossia demais. Aí a gente perguntava e a mãe negava até que afirmou que ela teve febre.

A mãe relatada na história de Marcela foi orientada a voltar outro dia com a criança, e assim ela fez, mas sem informar se havia feito o teste para Covid, e o resultado nunca foi confirmado.

- Também teve um caso com um paciente adulto. Era uma senhora. Ela foi para a cadeira para ser atendida. Estava tudo pronto para a cirurgia dela e ela também passou por essa triagem e não falou absolutamente nada, mas quando estava sentada ela acabou soltando que a filha estava com Covid e ela estava na casa dela.

Marcela então questionou o fato dela estar lá e explicou que ela também poderia estar infectada. A paciente aparentou ficar chateada e então a estudante chamou o professor para conduzir o momento que, por sinal, não seria o primeiro.

- Essa situação aconteceu muitas vezes e não foi só comigo. A gente sabe que o contato da gente é direto, então a gente não pode vacilar. Os pacientes saíam chateados, às vezes, mas era necessário, conta Marcela.

Quando perguntado sobre o papel do professor, responsável por supervisionar os serviços realizados no estágio, Marcela esclarece que o papel desse profissional formado é de suma importância na condução e mediação dos conflitos que aconteciam.

- A gente conversava com o paciente explicando o motivo pelo qual não podíamos atender eles, devido aos sintomas gripais. Mas acho que pelo fato do paciente saber que somos estudantes, eles não veem a gente com o mesmo respeito que eles veem os professores. Então quando a gente chamava o professor é que eles acatavam a decisão. Os pacientes ficavam bem contrariados, mas retornavam para casa. E não foram só esses dois casos que aconteceram comigo (risos). Isso acontece com mais frequência do que a gente imagina.

A estudante também destaca que os casos foram muito frequentes logo no retorno do estágio, onde os serviços se encontravam praticamente parados, o que acabou por pressionar a clínica da faculdade.

- Quando a gente voltou. Eu acho que foi o pior momento. Foi quando aconteceu com mais frequência. Foi com o retorno desse serviço, no segundo semestre de 2020, e no primeiro semestre de 2021 também aconteceu bastante. Mas quando ainda não tinha vacina e a gente tinha acabado de voltar a atender... como eu te disse, a saúde bucal acabou sendo negligenciada e de certa forma tem alguns serviços que a gente faz na faculdade que pelos SUS os pacientes só conseguem no Centro de Especialidades Odontológicas e lá demora muito. Então eles não queriam esperar e também

não queriam perder a vez com a gente, mesmo que fosse adiar só por duas semanas. Eles não aceitavam porque já tinham esperado demais. Então os pacientes realmente fazem de tudo para que ninguém perceba que eles estão com algum sintoma ou que eles tiveram contato com alguém contaminado.

Marcela diz não se arrepender por retornar ao estágio, mas relata que o momento foi desafiador, além de impactar sua saúde psicológica.

- Impactou minha saúde porque não é bom viver preocupada. Sempre que parava pra pensar, por exemplo, quando tinha esses pacientes que omitiam informações... por mais que eu entendesse que era muito difícil pegar Covid sendo que eu estava usando face shield, máscara N95, óculos de proteção e jaleco, eu ficava com medo. O estágio foi uma obrigação porque eu não queria voltar. Se dependesse de mim, teria ficado em casa. Mas realmente eu precisei tomar essa atitude e voltar, então hoje eu não me arrependo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO (UNIVASF), CAMPUS PETROLINA

No dia 17 de agosto de 2020 a Universidade Federal do Vale do São Francisco emitiu a resolução nº 14/2020, através do Conselho Universitário, que regulamentava a oferta de período letivo suplementar para a realização de

atividades curriculares e extracurriculares nos cursos de graduação da Univasf, de forma remota e em caráter excepcional.

O documento também tratava de outras providências no âmbito da graduação, em decorrência das medidas de enfrentamento da Pandemia de Covid-19. A resolução estabelecia as diretrizes de realização do Período Letivo Suplementar (PLS), em função da suspensão das atividades de ensino presenciais devido à pandemia do novo coronavírus (Covid-19).

O arquivo também se amparava no parecer técnico do CNS, divulgado em julho de 2020, sendo contrário a substituição de atividades presenciais por atividades mediadas através de meios digitais nos cursos da área da saúde. Tendo esse ponto registrado nos itens V e VI do artigo 4, inciso I.

“V. estágio obrigatório remotamente para os cursos de licenciatura, a critério dos colegiados, obedecendo as particularidades e o disposto no Parecer nº 05/2020 do Conselho Nacional de Educação, Pareceres e Portarias dos Conselhos Estaduais e Municipais de Educação e na Portaria MEC nº 544/2020;

VI. estágio obrigatório para os cursos de bacharelado e áreas da saúde, a critério dos colegiados, obedecendo as condições de biossegurança e a Recomendação nº 048/2020 do Conselho Nacional de Saúde”.

O grande embate que envolvia o retorno do estágio na área da saúde se dava pelo fato de que a atividade no

campo da saúde, diferente de outras áreas, não pode se adequar de forma remota.

Esse questionamento obviamente conta com exceções no campo da saúde, como por exemplo os atendimentos psicológicos oferecidos no Centro de Estudos e Práticas em Psicologia (Ceppsi) da Univasf.

*João³ é estudante do curso de psicologia da Univasf e cumpriu o estágio supervisionado no Ceppsi de forma remota. A medida excepcional foi autorizada pelo Conselho Regional de Psicologia e precisou se adequar ao novo modelo de atendimento à distância, que contava com uma necessidade urgente da população por atendimento.

No curso de psicologia o aluno chegou a estagiar presencialmente, antes de ver tudo parar por causa da pandemia. Sua experiência com o Ceppsi se deu em 2021, quando o programa já tinha readequado os atendimentos na modalidade a distância e também já oferecia atendimento psicossocial. Dessa forma, ele explica o que mudou na experiência do estágio.

- O principal desafio foi encerrar o contato humano. O contato de olhar, de ouvir, de falar, porque de certa forma a fala na psicologia tem uma importância muito grande. Então antes da pandemia a gente fazia nos estágios, longas rodas de grupo, fazia uma intervenção em grupo, atividades em grupo e dinâmicas em grupo. A gente falava, chegava próximo, pedia para a pessoa se levantar. Então essa proximidade que, de certa forma é natural das intervenções psicológicas, tinham uma diferença muito

³Nome fictício utilizado para resguardar a identidade da fonte.

grande e eu senti isso na pandemia. Era como se eu tivesse que reaprender tudo o que eu já tinha começado a aprender.

As mudanças a que João se refere vão além do contato humano em si, e dizem muito sobre a linguagem corporal dos pacientes. O estudante explica que uma análise dentro da psicologia envolve a observação de todos os movimentos corporais e o que se quer dizer com eles. Então a falta de contato presencial também perde esses gestos, sinais e informações que são ditas de forma subjetiva.

- Quando a gente fazia intervenção grupal, conseguíamos observar se uma pessoa estava muito ansiosa pela maneira como ela gesticulava ou balançava muito a perna, então a gente conseguia observar o corpo como um todo. Mas quando passou para o virtual a gente teve que adaptar, porque geralmente só conseguimos ver da cabeça para cima, então não tem como observar muito se a pessoa está à vontade durante uma sessão, não tem como perceber se ela está ansiosa, se ela está mexendo outras partes do corpo ou a maneira como ela se posiciona, se ela tem algum tipo de TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo), não tem como a gente observar assim.

Para se adaptar e acolher os pacientes no formato virtual, o estudante conta que precisou investigá-los, fazendo com que eles mesmos se observassem para descrever os próprios sentimentos.

- Geralmente a técnica principal que a gente treinou foi a de ensinar esse paciente a descrever suas próprias sensações, incluindo as corporais. Já que não tem como a gente ver o

corpo da pessoa como um todo, no sentido de observar o comportamento dela, a gente ensinou como descrever o que estão sentindo, como estão agindo e o que estão fazendo.

João também explica que a adaptação presente na autodescrição das pessoas se tornou uma vantagem para a psicologia, por promover o autoconhecimento dos pacientes.

- Eu acho que teve alguns pontos positivos, um deles é que a gente teve que ir atrás de outros tipos de técnica para fazer as pessoas se autoconhecerem e conseguirem se observar. Não só observar, mas também descrever o comportamento em diferentes contextos, porque antes a pessoa chegava na terapia e tinha toda aquela configuração da poltrona, da mesa e de uma sala toda equipada, e agora a pessoa está em casa. Então a própria pessoa teve que se sentir convidado a reconhecer como ele está dentro da própria casa.

As novas abordagens que surgiram com a pandemia partiram da necessidade de não abandonar o público que precisa de atenção psicológica. João cita um estudo realizado na Univasf, também por um colega estudante de psicologia, que destaca o processo de precarização dos serviços de atendimento psicossociais na pandemia.

Assim como ocorreu com os atendimentos de odontologia, este setor da saúde também não recebeu a devida atenção no SUS, em virtude da pandemia. A pesquisa de iniciação científica investigava como estavam os dispositivos de atenção psicossocial da Rede de Atenção Psicossocial do município de Petrolina (Raps).

A Raps engloba diversas unidades municipais de saúde voltadas para a atenção da saúde mental, e com a pesquisa realizada descobriu-se que este setor da saúde passou a ser tratado de forma precária, como explica João.

- A gente está lidando com uma população que está em vulnerabilidade social, que é a população da rede de atenção psicossocial. Uma população que possui algum tipo de transtorno psiquiátrico ou psicológico e que precisa dessa atenção mais intensiva. Então nesse período de pandemia não houve a transposição desses serviços para a modalidade remota e muitos desses pacientes acabaram desassistidos por conta da pandemia.

Essas questões reforçam a exceção do atendimento e do estágio de forma remota, ilustrando que, em alguns casos, se faz necessário estratégias que permitam o atendimento da população, sendo um bom exemplo a prática realizada pelo Ceppsi.

A pandemia alavancou os casos de agravamento da saúde mental, e os atendimentos remotos possibilitaram o acompanhamento de diversas pessoas, o que refletiu no crescimento dos atendimentos, como destaca João.

- A gente viu uma alta muito grande, muito grande mesmo de pessoas. Antes já era alta a questão da procura, mas na pandemia aumentou muito e esse aumento se deve a dois fatores: o primeiro é que a pandemia gerou fatores desencadeantes que fez com que as pessoas apresentassem transtornos psicológicos e também que apresentasse algum tipo de problema ou sofrimento psíquico. Então a gente viu

o aumento dos transtornos e o agravamento dos problemas mais cotidianos na pandemia. Aumentou o medo, a angústia e a ansiedade, que são fatores que levam as pessoas a buscarem ajuda.

O crescimento dos aumentos de atendimento no Ceppsi também se deve pelo seu alcance. Com a chegada da pandemia e necessidade de suspender os serviços presenciais na Univasf, o programa resolveu abranger os atendimentos para todo o país, atendimentos esses que antes só eram feitos com a população de Petrolina e Juazeiro, mas agora poderiam ser realizados com pessoas de qualquer estado brasileiro.

- Tinha vezes em que a gente fazia mais de 200 acolhimentos, claro que acolhimento não é psicoterapia, acolhimento é a etapa de preencher uma ficha e organizar as vagas. Então quando vai surgindo vaga a gente vai chamando... então é uma procura gigantesca por todos esses fatores.

O Ceppsi é formado por estudantes que estão em final de curso, porque exige uma formação mais completa e também pelos professores, que são os supervisores que acompanham os alunos, conforme explica João.

- Geralmente cada professor conta com cerca de dez alunos. A quantidade de professores pode variar, dependendo da disponibilidade dele no semestre, mas na minha época eram cinco professores. Então cinco professores orientavam 10 alunos, aí você tem 50 alunos atendendo. A partir daí, cada professor estabelece o número de pacientes que esses alunos podem pegar. Alguns alunos podem pegar cinco pacientes,

outros professores pedem pra pegar no máximo 10 pacientes, outros já preferem três, então isso varia de acordo com cada professor.

Os atendimentos realizados por João variavam de acordo com os acolhimentos e os pacientes físicos que ele já possuía.

- Às vezes eram muitos atendimentos porque tinham os acolhimentos também. Eu tinha os meus pacientes já fixos de psicoterapia, então eram cerca de quatro acolhimentos mais um atendimento de psicoterapia por dia.

Durante a entrevista eu também questiono o estudante sobre os atendimentos aos alunos durante a pandemia e esses também eram priorizados pelo projeto.

- A gente abriu os atendimentos para o país, mas geralmente a grande maioria era da região por causa da divulgação. Então, estudantes de forma geral da Univasf procuravam o Ceppsi. Essa é uma procura muito grande, até por questões de divulgação, então eles têm acesso ao serviço primeiro. Também atendemos estudantes de psicologia até o sétimo período por uma questão ética, de nunca atender pessoas que a gente conhece. Então, por mais que a pessoa esteja no primeiro período ou no sétimo, se a gente conhecer não dá para atender. Mesmo se a pessoa for de fora da Univasf, se for conhecida não podemos atender. Tem sempre uma lista antes de fazer o acolhimento e cada estagiário tem que verificar o nome de todas as pessoas inscritas e dizer se conhece ou não conhece, porque se a gente conhecer, nem o acolhimento a gente pode fazer. Então a gente tem um

cuidado muito grande com a questão ética e o vínculo profissional, porque é a base do atendimento.

A supervisão no estágio também era importante, principalmente porque os atendimentos eram realizados de forma online. Nesse contexto, João fala sobre o suporte oferecido pelos professores para que fosse possível a realização de um estágio sem intercorrências.

- Minha relação com a professora supervisora é bem tranquila, porque fora esse acolhimento a gente tem a supervisão. Geralmente a supervisão são de duas a três vezes na semana, a depender da necessidade do nosso grupo de estagiários, e geralmente cada supervisão dura cerca de 4 horas. Então nesse tempo a gente sempre discute de forma bem detalhada os casos de acolhimento e psicoterapia, porque no caso do acolhimento, a gente atende, preenche a ficha do paciente, e vai discutir na supervisão o que aquela pessoa precisa.

Com um novo modelo de estágio, tanto a supervisão quanto o estágio passaram por reformulações, a fim de garantir segurança e ética aos pacientes e também oferecer uma experiência importante para os alunos, conforme relata João.

- Tanto o atendimento teve que se modificar quanto a supervisão também precisou se adequar, porque tudo passou a ser online. Nesse sentido, tem uma questão muito forte porque quando a gente está atendendo, o professor sempre está lá para caso aconteça alguma coisa, caso o paciente precise de alguma coisa ou aconteça algo mais

grave, a gente chama o professor que sempre está ali. No remoto, como a gente estava atendendo de nossas casas, o supervisor sempre tinha que estar online, então foi tudo adaptado e surgiu a partir da pandemia.

Essas novas adaptações mostram os avanços em setores da saúde, a fim de buscar atender a população, superando até mesmo a distância. O que não era entendido como importante antes da pandemia, pôde ser analisado como necessário nessa nova realidade.

- Antes, na psicologia, era proibido atender remotamente. Mas depois da pandemia os Conselhos Federal e Regional começaram a permitir, porque de certa forma, agora que a gente já construiu estudos e já construiu a pesquisa, fica como uma forma de democratizar também a psicologia e alcançar lugares onde não tem uma clínica.

Em casos como esse da psicologia, a pandemia serviu para promover um avanço no serviço oferecido à população, mostrando que é possível disponibilizar um atendimento de qualidade através de novas estratégias. Mas para o setor da saúde de modo geral, a modalidade virtual representava a grande exceção, em virtude de serviços que, de forma alguma, precisavam do contato com o paciente, do toque e da observação presencial, como é o caso da medicina.

*Eduardo⁴ é médico. Ele se formou durante a pandemia de Covid-19, na turma de medicina da Univasf, campus Petrolina. Com o surgimento da infecção que se alastrou pelo mundo, o profissional viu as atividades de

⁴Nome fictício utilizado para resguardar a identidade da fonte.

estágio serem interrompidas por meses, até que retornou em setembro de 2020 com sua turma de internato.

O estágio supervisionado obrigatório do curso ocupa carga horária equivalente a quase metade do curso, de acordo com Eduardo e, logicamente, é um requisito para a conclusão do curso.

O processo de retomada para o médico foi marcado por muito receio e dúvida sobre como seria a volta e quando isso aconteceria.

- Foi uma situação muito difícil para mim a parte do retorno, porque eu vinha de um isolamento social muito restrito comparado a outras pessoas em geral... de estar mais com a família e de preocupação com a família. Então quem estava voltando para casa com a família era uma preocupação ainda maior, de não ter [Covid], como também passar para familiares. Essa foi uma experiência muito diferente, preocupante e desgastante... de ficar em casa esperando sem notícias, porque assim, eu estou em casa me protegendo e sei que em tal data vou precisar voltar... mas não era isso! Era tipo: estou aqui, não sei quando eu volto, talvez eu precise voltar tal data, talvez não precise... como é que eu vou me preparar para isso? Como é que eu vou retornar? A pessoa retorna para o transporte público e para um convívio de ambiente hospitalar com mais pessoas que era bem diferente. Então foi uma experiência bem desgastante. Mas também foi bom voltar, sabe... seis meses sem atuar direito, a gente fica perdendo até um pouquinho da rotina.

O retorno das turmas de internato aconteceu de

forma gradativa, ainda no mês de junho, culminando com a turma de Eduardo em setembro. O site da Univasf publicou uma matéria, realizada pela TV Caatinga, sobre o retorno da primeira turma, em que os estudantes foram submetidos a uma capacitação para o uso de EPIs com a equipe de infectologia de um dos hospitais de Petrolina.

Para Eduardo, o aviso de retorno chegou de forma inesperada e, como ele mesmo destaca, por meios também inesperado, através de uma mensagem no WhatsApp.

- Veja, eu falo pelo WhatsApp porque eu acho que foi a forma de se organizar no momento, apesar de eu achar um pouco... (risos), mas era a forma de se organizar no momento. Eu acho que havia uma grande incerteza por parte da Universidade, sobre como pautar isso. Quando eu digo Universidade, eu falo tanto da parte administrativa, quanto da parte de professores que estavam nos serviços tentando viabilizar uma volta.

O internato iniciou sem a exposição dos estudantes aos casos de pacientes com a Covid-19, mas Eduardo destaca que, mesmo não tendo contato direto com os infectados, a própria logística dos atendimentos acabava colocando em risco essa proteção.

- Por boa parte do período nos serviços hospitalares, a gente não tinha contato com pacientes confirmados ou em setores respiratórios. Havia esse cuidado tanto da Universidade quanto da preceptoria e dos serviços hospitalares para a gente não estar em UTI Covid, pelo menos no contexto em que participei. O serviço era organizado da seguinte forma:

os pacientes que estavam com sintomas respiratórios tinham que ser trocados de setor para realizar a testagem e não contaminar os outros pacientes. A gente atuava mais em pacientes gerais, só que também a gente estava exposto, porque esse isolamento às vezes não era feito da forma ideal, os pacientes não comunicavam os sintomas gripais ou a gente não percebia... então acabava que alguns pacientes testavam positivo futuramente e ninguém sabia de sintoma respiratório ou o paciente era assintomático. Havia essa divisão, há essa organização pelo serviço e essa organização da gente não atender paciente com sintoma respiratório, mas nem tudo acontece de forma 100% perfeita.

Eduardo também explica que mesmo com a organização no serviço de saúde, o contágio era algo que acontecia com certa frequência, então os estudantes acabam positivando e precisando ser afastados.

O médico recém-formado chegou a ser infectado em 2022 quando já estava vacinado, mas revela que presenciou estudantes que precisaram de internação quando se infectaram no período quando não havia vacina.

- Tiveram estudantes que passaram por internação hospitalar, inclusive por UTI. Isso foi no período antes da vacina.

O contágio por Covid-19 gerava inseguranças que iam para além da saúde e da exposição. Eduardo conta que os estudantes infectados precisavam, na maioria das vezes, compensar a carga horária dos dias de afastamento do estágio. Ele reforça que a prática não era algo cobrado em

todas as unidades, mas por não ser algo regulamentado no caso da pandemia, a prática gerava muitos transtornos.

- A gente tinha essa insegurança, de verdade. Essa questão dependia muito do serviço, porque tinham locais em que a gente sabia que se fosse infecção por Covid-19, não seria preciso restituir esses dias faltados, mas tinham outros lugares que a gente não tinha essa segurança.

Através dessas informações, Eduardo também destaca a importância dos estagiários no serviço de saúde e também na contenção da pandemia.

- Eu acredito que fomos muito importantes, de verdade. Assim, a gente acaba ocupando o lugar de profissional né. A gente acaba cumprindo algumas funções que outros não cumprem, às vezes, de uma forma não discricionada direitinho, sabe? Mas acabamos cumprindo. E o contato com o paciente, na ajuda do serviço, na ajuda de outros profissionais que também estavam sobrecarregados... eu acho que a nossa importância foi muito grande. A gente estava junto dos pacientes em alguns momentos que o contato estava diminuído, por causa da Covid-19, e a sobrecarga estava muito grande... vamos pensar da seguinte forma: era como se os hospitais tivessem que se virar em dois, separar setores, duplicar profissionais, abrir novos setores e novas vagas, então acredito que a gente teve um papel nisso, não só de lidar com a demanda, mas do contato com o paciente.

Eduardo define o estágio e o auxílio dos estudantes na pandemia da mesma forma como vemos nos relatos de

outros alunos. O papel deles não podem ser equiparados com o de um profissional, mas devem ser entendidos como um reforço que agrega força ao SUS, que qualifica e organiza o sistema de saúde. Aqui vemos, além da aprendizagem, um sistema que coopera com o enfrentamento da pandemia de Covid-19.

- Eu acho que o estagiário qualifica o sistema de saúde. A presença do estagiário, do interno e até dos residentes, que são profissionais recém-formados que cursam pós-graduação, qualifica o serviço, melhora o atendimento, melhora o tempo de atendimento, melhora a qualidade no atendimento, melhora o vínculo, o contato... a gente percebe o vínculo de algumas relações com os pacientes, mesmo naquele cenário em que às vezes estava todo mundo de máscara, de touca e que gera o afastamento, porque a gente não quer estar a todo momento se expondo. Mas eu acho que a gente qualifica o serviço, a gente melhora o serviço e colabora com o Sistema Único de Saúde.

CAPÍTULO 4

EPIs: de quem e para quem?

"[...] Lá na UTI chegou um período, quando a gente estava acabando o estágio, que não tinha mais luva para atender os pacientes. Então eles estavam usando luvas de hambúrguer, aquelas luvas de plástico para limpar o paciente, em tempo de serem contaminados também... em uma precariedade que, como é que eles vão dar se nem eles têm?", explica Vanessa, egressa do curso de fisioterapia.

Os estagiários, assim como os profissionais de saúde sentiram o contexto devastador do sistema de saúde depois da Covid-19. Muitos deles viveram diversas situações que colocaram em jogo a saúde e o bem-estar dentro de hospitais, clínicas e UBSs.

Neste período, um dos grandes vilões derivados da pandemia se identificava como a falta de recursos. A precariedade do SUS nesse período colocou em exposição os profissionais de saúde, através da falta de equipamentos de proteção individual (EPI).

Em junho de 2020, a imagem de uma profissional de saúde paramentada estampou a capa do Jornal da Associação Médica Brasileira. A legenda dizia que faltavam EPIs em todo o país. Os dados da instituição destacavam que 42% das denúncias de profissionais relatavam falta de gorros ou touca, como chamam.

Ainda de acordo com a pesquisa, 67% das denúncias feitas à instituição tratavam da falta de óculos ou face shield. 86% tratavam de denúncias sobre a falta de máscaras N95 ou PFF2 e 66% informavam a falta de capote impermeável, conhecido como avental que os profissionais utilizam.

Aos estudantes, a lei de estágio garante a disponibilização dos equipamentos de proteção individual em seu capítulo IV, no artigo 14^a, onde é definida a aplicação da legislação relacionada à saúde e segurança no trabalho ao estagiário, sendo sua implementação de responsabilidade da parte concedente do estágio.

Assim como visto no programa “O Brasil Conta Comigo”, o direito ao uso dos EPIs começou a ser negado. Os estudantes realizavam as atividades de estágio, auxiliavam no serviço de saúde e não tinham os mesmos direitos que os profissionais no recebimento dos equipamentos. Mas, como poderiam oferecer algo que não havia?

Tratar sobre a distribuição de EPIs tende a tornar-se um assunto extremamente delicado. A pandemia contribuiu para um momento atípico onde, inegavelmente, não existia equipamento nem mesmo para os profissionais, então contar com essa distribuição para os estagiários seria inviável. A conta passa a não fechar quando se tem um saldo negativo e mais gente para dividir.

Durante as entrevistas realizadas com os 12 alunos das instituições de ensino superior de Petrolina, ficou muito claro para mim que a garantia desses EPIs tinha que partir das próprias faculdades. Com algumas exceções, é claro, esclareceu-se que a única forma de tornar o estágio viável seria não contar unicamente com as unidades de saúde por não haver, na maioria das vezes, recursos para isso.

*Marcela¹ está entre os casos de alunos que precisaram arcar com os próprios gastos. A estudante do curso de odontologia teve que lidar com os altos custos do EPIs para garantir a segurança durante as atividades práticas. Ela realizou estágio obrigatório em uma unidade básica de saúde (UBS) de Petrolina.

De acordo com ela, os estudantes foram avisados que

¹Nome fictício utilizado para resguardar a identidade da fonte.

a prefeitura não iria fornecer os equipamentos e o período da pandemia pesou no bolso. Com a falta de EPIs no país inteiro e no mundo, os valores dos materiais ficaram muito salgados, extrapolando o orçamento da estudante.

- Eu estagiei no Centro de odontologia e nós éramos obrigados a levar nossos EPIs, pois a prefeitura de Petrolina não forneceu. Então se eu quisesse teria que levar as minhas luvas para atender, meu jaleco, minha face shield, meus óculos de proteção e minha touca, pois a prefeitura não fornecia isso para nenhum estagiário. A gente tinha que levar esses equipamentos porque eles disseram que estavam com falta de material, então o dentista da unidade não podia fazer nada! Era uma ordem de quem estava lá em cima. Aí nós, enquanto estagiários, sentimos um pouco porque os EPIs estavam muito caros e, da mesma forma que tem estudante que tem muita condição, tem estudante que não tem. Eu senti um pouco de dificuldade porque naquela época o jaleco custava R\$10 pela gramatura dele, por ser impermeável. Então a gente tinha que atender com todos os EPIs, mas a gente precisava levar. Mas isso pelo que eu via, era mais algo da prefeitura não querer fornecer para a gente naquele momento sabe, era um gasto que eles não queriam ter.

Marcela também explica que mesmo sendo avisados sobre a falta de EPIs, eles precisavam voltar para não se atrasar no curso, então automaticamente tiveram que realizar o estágio.

- Nós fomos avisados, porém o estágio era obrigatório.

Então assim, se vocês quiserem passar nas disciplinas vocês tem que ir para o estágio, mas tem que levar o próprio EPI também. Tudo que a gente utiliza na clínica da faculdade sai do nosso bolso, qualquer material. Então a gente tinha que arcar com o que utilizava na faculdade, e no SUS a gente atende muito paciente. Era um fluxo muito grande. Então imagine aí você usar de 15 a 20 pares de luva em uma manhã só, sendo que a caixa vem com 100 luvas. Então a gente realmente precisava desembolsar um pouco mais para o estágio.

A distribuição de EPIs, de acordo com Marcela, era limitada apenas aos profissionais de saúde.

- Os dentistas e auxiliares recebiam EPI pela prefeitura, mas eles deram essa ordem de não entregarem nada para os estagiários.

Após entrar em contato com as instituições de ensino e também com a prefeitura de Petrolina para uma entrevista, fui convidada a visitar a Secretaria Municipal de Saúde para conversar com o Diretor de Vigilância Epidemiológica, Acácio Andrade, onde tratei de entender os trâmites que envolviam o estágio na pandemia e a gestão municipal.

Quando questioneei o diretor sobre a distribuição de EPIs para os estagiários, Acácio me convidou a seguir para a sala da diretora de Atenção Básica, Lorena Andrade, que me explicou porque os materiais não eram fornecidos, tratando-se de uma questão de logística.

A diretora não gravou entrevista, mas me respondeu afirmando que essa questão havia sido tratada com as

instituições de ensino e registradas em termo de estágio, assinado pela prefeitura, pela faculdade e pelo aluno.

Ela também reforçou que a medida registrada no documento estava sendo acordada entre a prefeitura e as instituições como única forma de manter os estágios nas unidades municipais, já que não havia materiais suficientes para distribuir aos alunos.

*Vanessa², egressa do curso de fisioterapia da UPE, também confirmou que recebia EPIs da instituição de ensino. Explicou que os equipamentos eram negados na UTI onde estagiava por não haver quantidade para todos e relata a situação de precariedade vivida pelos profissionais de saúde.

- Lá na UTI chegou um período, quando a gente estava acabando o estágio, que não tinha mais luva para atender os pacientes. Então eles estavam utilizando luvas de hambúrguer, que são aquelas luvas de plástico para limpar o paciente. Em tempo de ser contaminado também... eles estavam em uma precariedade que, como é que eles vão dar se nem eles têm, sabe? Então eu, estagiária, que tinha ganhado os materiais pela Universidade, estava com meu bolso cheio de luvas, quando encerrava meus atendimentos naquele dia, doava minhas luvas, porque eu achava bem melhor do que guardar, sendo que eu sei que tem alguém que está precisando ali, naquele momento.

A distribuição dos EPIs pela UPE contribuiu com a segurança dos estagiários principalmente no período mais agudo da pandemia, ainda em 2020. Então, após entrar em

²Nome fictício utilizado para resguardar a identidade da fonte.

contato com a instituição, consegui realizar uma entrevista com a ex-coordenadora de estágio do curso de enfermagem da UPE e atual integrante do núcleo de estágio da universidade, Roxana Andrade.

A professora, mesmo sendo responsável somente pelo curso de enfermagem, me explicou como funcionava a logística de distribuição dos EPIs, porque na época era uma das responsáveis pela organização dos materiais quando o estágio retornava, em julho de 2020. Ela começa contando que a suspensão do estágio também foi uma medida dos campos de estágio, por não haver segurança sobre o que seria enfrentado.

- Esse impeditivo também veio dos estabelecimentos de saúde, que aconteceu por conta da restrição e até do desconhecimento da proporção que iria se tomar de casos. Então os estabelecimentos também fecharam as entradas dos alunos, não foi só a universidade que fez essa interrupção... os estabelecimentos também. Eles não tinham como ofertar, então nós temos portarias do estado, que fecham os campos para estágio. Os principais campos que a gente tinha, municipais, foram fechados e a gente ficou sem esse aporte.

Roxana também explica que a conduta da Universidade em fornecer EPIs surgiu como necessidade excepcional da pandemia.

- Antes o campo oferecia tudo. Tudo mesmo! Mas aí veio essa necessidade com a caixa de luva custando R\$ 200, uma caixa de máscara a um preço exorbitante, que foi o que

aconteceu no início da pandemia. Um hospital ainda forneceu pra gente, se não me engano, a face shield, que eles mesmos confeccionaram ou receberam alguma doação. Então como eles tinham muito, eles disponibilizaram. Mas o restante não tinha, que era o capote, a máscara N95 e óculos de proteção. E aí a gente teve que entrar com essa questão.

Nesse momento nasce a demanda da UPE em arcar com os custos de EPIs para o cumprimento de estágio nas instituições de saúde. Um custo que nenhuma Universidade estava preparada para receber, como destaca Roxana.

- Essa foi uma demanda nova diante das condições impostas pela pandemia. Ninguém esperava... então a gente também teve essa dificuldade. Eu lembro que a primeira turma que entrou, alguns itens foram eles mesmos que providenciaram, porque eram itens que ficavam sob a guarda pessoal do estudante, como óculos de proteção e a face shield, que precisava ser higienizado e guardados para a utilização posterior. Então isso ficou a cargo do estudante e a gente ficou com as outras coisas, os descartáveis que a gente chama.

Roxana enfatiza que a distribuição de itens descartáveis, como máscaras e luvas, por exemplo, até hoje tem sido realizada e entregues aos estudantes. Até as aulas práticas exigem a distribuição devido à solicitação das instituições de saúde.

Outras medidas citadas pela professora foi o treinamento de biossegurança dos estudantes, a exemplo do curso de enfermagem, no qual era coordenadora de estágio.

Ela explica que eles foram lembrados sobre os procedimentos de paramentação e desparamentação antes de iniciarem o estágio.

Os termos de estágio também passaram a contar com a apólice em caso de óbito por Covid-19, o que já tinha sido destacado também por Vanessa, quando estagiou no curso de fisioterapia. Então Roxane explica que esse foi mais um processo de garantia do estudante que estaria em campo durante a pandemia.

- Na nossa apólice de seguro, a gente também colocou o caso de óbito por Covid, então os alunos também passaram a ficar assegurados. Isso não quer dizer que se teve o contágio ele está assegurado. Mas caso venha a óbito por Covid, então os alunos que estão dentro do seguro, teriam a cobertura.

*Marília⁸ foi estudante do curso de nutrição da UPE. Ela também cumpriu estágio durante a pandemia e relata ter conhecimento da apólice em casos de óbito por Covid. Além disso, ela também destaca a importância de ter recebido EPIs descartáveis da Universidade, já que durante as atividades práticas que precisou realizar em unidades de saúde, viu de perto o racionamento dos materiais imposto aos profissionais de saúde.

- A UPE forneceu equipamentos, como luvas, máscaras e toucas. Cada um ganhou sua caixa de luvas e seu pacote de máscara e touca. Então eles sempre estavam preocupados com isso e caso a pessoa não tivesse, era para comunicar os professores e preceptores de estágio para eles fornecerem. Mas dentro do hospital, eu vi que eles faziam esse

⁸Nome fictício utilizado para resguardar a identidade da fonte.

acionamento. Eu via entre os funcionários essa coisa deles terem uma economia e utilizar mais conscientemente, porque eles tinham muitos custos pelo que eu via.

Marília cumpriu uma disciplina de estágio obrigatório em clínica, depois outro estágio em saúde pública e logo após um estágio voltado para a parte de cozinha e fornecimento de comida, todos realizados em instituições também de Petrolina.

Eu a questiono se em algum momento ela chegou a precisar de EPI das unidades, mas ela nega e também diz que era inviável conseguir materiais dentro da unidade.

Essa falta de distribuição dos EPIs pelas unidades de saúde também reflete no período enfrentado na pandemia. *Bruna, também é egressa da UPE, se formou em enfermagem no fim de 2021 e concluiu o estágio obrigatório em junho do mesmo ano, cinco meses após o início da vacinação no país.

A enfermeira conta que viveu uma situação bem diferente de quem atuou antes da vacinação, e teve acesso aos EPIs tanto da UPE, quanto das unidades de saúde nas quais realizou estágio obrigatório.

- No hospital nunca faltou EPI, graças a Deus. Na faculdade só não deram capote, que é aquela roupinha que a gente usa, mas no hospital sempre estava disponível, eu acredito que para meus outros colegas também. Então a gente sempre utilizou os materiais do hospital, apesar da faculdade ter dado também.

⁸Nome fictício utilizado para resguardar a identidade da fonte.

Bruna também realizou estágio em uma unidade básica de saúde e a distribuição foi realizada tanto pela UPE quanto pela unidade da prefeitura. Essas informações refletem muito nos diferentes períodos vivenciados pelos estudantes e também pelas unidades, o que pode indicar uma dificuldade maior de recursos na pandemia antes da vacinação.

Essas informações refletem na adaptação ao período vivenciado pelas instituições públicas de saúde, o que fez com que elas se preparassem melhor para a demanda de materiais. O auxílio advindo da vacinação consequentemente também desafogou os hospitais, permitindo que a demanda fosse suficiente para voltar a atender os estagiários.

O momento mais dramático do SUS na pandemia foi lidar com a chegada da doença e comportar um dos maiores picos de internações causadas pela Covid-19. Assim, percebe-se que a grande crise vivenciada pelo sistema de saúde fez com que os equipamentos fossem muito procurados.

Definitivamente a demanda não dava conta dessa distribuição, mas quando o SUS se restabeleceu devido à queda no número de óbitos e internações, a oferta dos equipamentos voltou a crescer no mercado. Desse modo, os EPIS passaram a ser ofertados aos estagiários gradativamente, de acordo com a realidade de cada município.

Na Univasf a distribuição de EPIs também

aconteceu, mas *Eduardo destaca que não foi suficiente para cumprir o internato e o estudante acabou precisando arcar com os próprios custos para concluir o estágio.

- Inicialmente a gente recebeu, não sei se foi da Universidade em si ou se foi do Colegiado, mas a gente recebeu. Só que eram materiais insuficientes e não teve nova leva, sabe. Eu mesmo cobri boa parte, quer dizer, boa parte não, quase todo o custo de R\$95. Eu lembro que depois alguns realmente tinham esse fornecimento regular de máscaras, mas com um espaçamento maior do que eu pessoalmente utilizava.

Já *Daniela, aluna de enfermagem da Univasf, conta que antes de iniciar o estágio os professores ofertaram itens como máscara, sabão, álcool e papel toalha para as atividades práticas. Mas a oferta também era racionada.

- Eles forneceram e mandavam a gente vir buscar, mas às vezes era pouco. Eram cinco máscaras PFF2 e um pacote de máscara descartável. Aí a PFF2 às vezes não dura né, aí a gente tirava do nosso bolso.

Na unidade básica de saúde onde estagiou, a estudante conta que chegou a receber apenas o capote e a touca quando precisava realizar as testagens, pois itens como máscaras eram racionados.

- A máscara realmente era contada por profissional. A prefeitura mandava e parece que eles dividem lá, mas é contada. Aí se eu pegasse o profissional ia ficar sem. Mas de resto, o álcool era liberado.

Assim como a UPE, a Univasf e a Faculdade

⁸Nome fictício utilizado para resguardar a identidade da fonte.

Soberana também foram procuradas para uma entrevista sobre essa logística de distribuição de equipamentos de proteção individual, mas apenas a UPE atendeu à solicitação dentro do prazo estabelecido para a produção desta reportagem.

CAPÍTULO 5

O direito à vacina

"Não tinha vacinação para estudantes, mesmo que a gente tenha, infelizmente, a mesma exposição ou mais do que alguns profissionais. Falo alguns, tá bom? Não digo todos.", destaca Eduardo, médico formado durante a pandemia.

Parte 1: Distribuição

A vacinação contra a Covid-19 no Brasil teve início no dia 17 de janeiro de 2021, onde a enfermeira Mônica Calazans foi a primeira brasileira a receber o imunizante em território nacional. O ato simbólico foi realizado no sudeste do país, em um evento que aconteceu no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (HC-USP) e deu o pontapé inicial da imunização.

Em Petrolina, a vacinação teve início dois dias depois, no dia 19 de janeiro, celebrada com a imunização da técnica de enfermagem Edneide Souza, de 42 anos. Os eventos que marcaram o início da aplicação da vacina contra a Covid-19 destacaram a importância do profissional de saúde, priorizando os trabalhadores no Plano Nacional de Imunização.

No campo de estágio, a imunização gerou controvérsias. Os estudantes cobraram o direito à vacina justificando enfrentar a mesma exposição que os profissionais formados.

*Eduardo¹ viveu o momento de espera pela vacinação e explica que, assim como muitos outros estudantes, também sofreu com a demora para receber o imunizante, já que estagiava em hospitais e estava exposto ao vírus como qualquer profissional de saúde.

- A vacinação precisou ter uma organização de nós estudantes, de cobrar a lista de vacinação e cobrar a inserção dos estudantes nessa lista porque, assim, nos serviços de saúde a gente acaba não sendo muito incluído nisso. Lembro que em um dos serviços de saúde em que a prefeitura foi

¹Nome fictício utilizado para resguardar a identidade da fonte.

realizar a vacinação dos profissionais, os primeiros foram os profissionais da urgência e emergência. Teve esse fracasso. Mas quando foram vacinar os profissionais, a gente tentou essa vacinação nesses serviços e não conseguimos, porque era por lista... enfim, algumas burocracias e trâmites que a gente não conseguia. Não tinha vacinação para estudantes, mesmo que a gente tenha, infelizmente, a mesma exposição ou mais do que alguns profissionais. Falo alguns, tá bom? Não digo todos.

A vacinação chegou para os estagiários pela universidade, mas Eduardo, que conseguiu se vacinar em meados de março, também reforça que a atuação e a cobrança dos estudantes foram necessárias para que o momento chegasse.

- Pela Universidade a gente conseguiu. Mas ainda assim foi devido à mobilização dos estudantes para se organizar e cobrar a inclusão na lista. Alguns estudantes, que estavam internados nessa primeira leva, não conseguiram se vacinar e precisaram retornar uma semana depois ou até mais.

*Marcela² também questionou a demora na vacinação para os estagiários. A estudante de odontologia explica que se expôs da mesma forma que um dentista quando realizava os atendimentos na clínica escola, porém a vacinação dos estudantes chegou apenas em maio, enquanto os profissionais já estavam se vacinando desde janeiro.

- Eu lembro que quando a vacina saiu para os dentistas a gente perguntou o motivo pelo qual a imunização estava

²Nome fictício utilizado para resguardar a identidade da fonte.

liberada para dentistas, recepcionistas de clínicas particulares e por que não liberaram para a gente. Estávamos atuando da mesma forma que os dentistas, certo? A gente estava ali atendendo paciente sem saber se ele estava infectado e lidando com saliva, que é o local em que o vírus está mais concentrado no paciente. Então considero sim que a gente se expôs demais.

Os desafios da vacinação durante o estágio na pandemia foram além das fronteiras que limitam a faculdade, como no caso de Joana³. A estudante do curso de nutrição da UPE precisou buscar estágio em outra cidade para conseguir se formar. A medida foi autorizada pela Universidade, mas o direito à vacinação da estudante necessitou de muita persistência.

Joana resolveu estagiar em sua cidade natal, localizada a cerca de 210 km de Petrolina. O motivo por trás da decisão partiu da falta de vagas para atuar na cidade petrolinense e na vizinha, Juazeiro. Então, pressionada pelas circunstâncias e necessitando concluir o estágio para se formar, a estudante conseguiu uma vaga de estágio no hospital de campanha da pequena cidade, que possui pouco mais de 70 mil habitantes.

A experiência longe da Universidade contou com diversos desafios, como a solidão do local, sem a presença efetiva de um profissional que supervisionasse suas atividades e, além dos desafios que envolviam a rotina do estágio, a jovem também precisou lidar com o fato de não ser prioridade na vacina.

³Nome fictício utilizado para resguardar a identidade da fonte.

- Eu até me vacinei mais rápido, antes da minha turma, no início de março. Mas eu me vacinei porque o meu pai foi atrás e falou com a prefeitura local, falou que eu estagiava no hospital de campanha e que eu precisava me vacinar. Aí me vacinaram meio que a contragosto. Não queriam, mas como existia essa situação aí me vacinaram.

Joana relata que foi a última a se vacinar no hospital de campanha da cidade, reforçando que os estagiários não eram considerados importantes a ponto de terem direito à imunização.

- Todos os profissionais já tinham se vacinado, inclusive quando cheguei lá [no hospital de campanha], eles mudaram a pessoa que era o assistente social, e chegou lá o novo assistente social. Ele se vacinou no mesmo dia que eu cheguei, mas não me vacinaram. Depois meu pai foi atrás e eu consegui a vacina.

*Bruna⁴ ingressou no estágio em junho de 2021. No mesmo período a jovem também conseguiu se vacinar e relata não ter tido problemas com a logística de imunização, mas explica ter presenciado uma movimentação estudantil da UPE para acelerar a proteção dos alunos.

- Teve uma luta dos alunos para conseguir a vacina para a gente. Foi algo mais independente, uma ação dos alunos com a prefeitura para conseguir a imunização.

A professora da UPE, Roxana Andrade explica como funcionou o papel da Universidade na garantia da vacinação para os estudantes, entendendo que os alunos realmente estavam em grupo de risco por atuarem em

⁴Nome fictício utilizado para resguardar a identidade da fonte.

serviços de saúde.

- Abriam-se os campos de estágio e os alunos foram mesmo assim, iniciaram sem vacina. E aí as doses começaram a chegar e esses estudantes estavam no grupo de risco, porque estavam em ambiente hospitalar. Então entramos em contato com a Secretaria Municipal de Saúde e viabilizamos a vacinação desses estudantes. Foi mandada a lista dos estudantes que estavam em estágio nas unidades de saúde, e aí a vigilância sanitária... o pessoal que estava cuidando da vacinação, retornaram para nós avisando o dia, horário e local onde os alunos seriam vacinados. Então a vacinação dos estudantes aconteceu por meio da viabilização da Universidade.

Roxana destacou que não houve problemas com relação à imunização dos estagiários e que a vacinação foi realizada ainda no início do ano. Para a professora, apenas um fator foi determinante para atrasar esse serviço, o envio de doses.

- O problema que tivemos foi relacionado ao aguardo de doses para o município, mas isso era algo que fugia da nossa governabilidade.

A priorização dos profissionais de saúde era um fator previsto no Plano Nacional de Imunização contra a Covid-19, elaborado pelo Ministério da Saúde. Em Petrolina, esse esquema de vacinação foi mantido e os profissionais também seguiram sendo priorizados.

O diretor de Vigilância Epidemiológica, Acácio

Andrade, explica o que compreende a esfera dos profissionais de saúde e se os estudantes estavam dentro desse grupo prioritário.

- Quando a gente fala em trabalhadores da saúde na campanha contra a Covid-19, a gente fala de trabalhadores. Independentemente de ser profissional, médico, enfermeiro, psicólogo... enfim, independente de ser profissional, mas trabalhador. Esse grupo contempla desde recepcionista a estagiários da saúde que estão dentro dos serviços de saúde e, até mesmo o motoboy de um laboratório, por exemplo, que faz entrega e transporte de exames, coleta de um hospital para outro... enfim, todos os trabalhadores. No entanto, quando a gente recebeu as primeiras doses que contemplavam todos esses grupos da primeira fase, a gente viu que não tinha dose suficiente e eu não poderia fazer uma vacinação sem seguir critérios. Então dentro do grupo de trabalhadores da saúde a gente criou estratos.

Os estratos citados por Acácio referem-se a divisões que vão de acordo com a exposição de cada trabalhador da saúde, já que as doses não eram suficientes para atender a todos os profissionais do grupo de uma única vez. Então o diretor de epidemiologia explica que o extrato priorizava quem tinha o risco maior de se contaminar com a Covid-19.

- Foram criados esses estratos para que a gente pudesse avaliar se poderia ampliar a vacinação desse grupo, à medida que chegavam novas doses. Então independente se o estagiário trabalhava ou estava dentro de um serviço como

o hospital de campanha, realizando a vacina contra a Covid-19 ou na parte intensivista de UTI Covid, o que contava não era se ele era estagiário, e sim saber qual o risco que ele estava sendo exposto para então dar prioridade ou não. Então se o estudante era um estagiário da atenção básica, a atenção básica estava no extrato que contempla unidades de pronto atendimento. O centro de hemodiálise estava no extrato quatro. Então se tinha um estagiário, por exemplo, em uma clínica do rim ou algo do tipo, ele estava trabalhando no serviço. Então a gente estava estratificando por serviço e os trabalhadores daquele serviço seriam contemplados estrato por estrato, fase por fase, à medida que as vacinas chegavam.

- Quando a gente fala em trabalhadores da saúde na campanha contra a Covid-19, a gente fala de trabalhadores. Independentemente de ser profissional, médico, enfermeiro, psicólogo... enfim, independente de ser profissional, mas trabalhador.

PARTE 2:UM NOVO CENÁRIO

O começo da vacinação no Brasil surgiu em um momento crítico da pandemia, quando o país atingia a marca de 211,5 mil vidas perdidas e média móvel de 969 óbitos por dia, de acordo com a matéria do g1 publicada no dia 19 de janeiro de 2021.

Mesmo questionada em meio a vários tipos de Fake News⁵ lançadas com o objetivo de desqualificar a ciência, os

⁵O termo vem do inglês fake (falsa/falso) e news (notícias), o que significa notícias falsas. Refere-se a informação que pode vir de qualquer fonte e sem seguir critérios de apuração, por exemplo. Ela é utilizada de forma criminosa com o objetivo de se espalhar e influenciar negativamente o público.

resultados dos imunizantes provaram uma eficácia que salvava vidas, mas para isso era preciso completar o ciclo vacinal exigido que dependia de cada fabricante.

No campo do estágio, a vacina vinha sendo cobrada com urgência para proteger os estudantes que atuavam em serviços de saúde, tanto quanto os profissionais. A União Nacional dos Estudantes (UNE) divulgou, no dia 13 de abril de 2021, uma carta manifestando pesar sobre as mortes de estagiários da saúde que haviam trabalhado no atendimento à população durante a pandemia.

Os estudantes eram acadêmicos dos cursos de medicina e enfermagem da Universidade Estadual do Piauí e da Universidade de Vassouras, no Rio de Janeiro. A cobrança fazia parte de um pedido justo, já que a atuação nas unidades de saúde envolvia jovens que viviam um processo de aprendizagem através do estágio, mas também ofereciam qualificação no serviço de atendimento.

Assim os critérios começaram a avançar e cada vez mais estagiários eram vacinados contra a Covid-19. Em meio aos estudantes imunizados está o enfermeiro *Marcos⁶. Ele se formou na Univasf através da portaria que antecipou a colação de grau dos estudantes da saúde, mas antes de viver o momento feliz de conclusão do curso, enfrentou o contexto dramático de ser infectado no ambiente de estágio.

O jovem viveu momentos delicados ao longo dos dias infectado com a Covid-19 e agradece ao direito de ter sido imunizado, razão pela qual ele afirma ter sobrevivido.

- Graças a Deus onde a gente passou por estágio tanto na

⁶Nome fictício utilizado para resguardar a identidade da fonte.

UBS quanto no hospital, os profissionais e os pacientes que estavam conosco tinham ciência da importância da vacina. Questionavam-me muito sobre a vacina na época e sobre sua eficácia, dizendo que eu tinha pegado Covid mesmo estando vacinado. E eu disse sim, eu tinha me vacinado, se não tivesse me vacinado eu tinha morrido, porque eu fui um paciente extremamente grave.

Marcos contraiu a Covid-19 em março de 2021. O jovem chegou a receber as duas doses do imunizante antes de ser infectado porque também trabalhava como técnico de enfermagem em uma unidade de saúde do município, ao mesmo tempo em que realizava o estágio da graduação.

Sem uma confirmação oficial, o enfermeiro explica que a origem da contaminação se deu no estágio devido à rotina que possuía, não sendo possível ter contraído o vírus em outro local.

- A gente não consegue de fato fazer o rastreio e entender como tudo aconteceu, mas o meu percurso era sempre o mesmo: casa, onde eu morava só, hospital e trabalho. No meu trabalho nós éramos testados toda semana por conta do processo e também por ter contato com pessoas com sintomas gripais. Então eles sempre testavam. E no estágio nós tínhamos todo o processo de proteção, usávamos a máscara o tempo todo e lavávamos as mãos com constância... só que não posso garantir com certeza, mas teve um paciente que tive contato prolongado com ele e depois comecei a sentir alguns sintomas. O paciente não apresentou sintomas gripais, então não dá para dizer se foi ele ou não.

Eu só posso afirmar que foi no estágio porque era o único lugar onde eu andava, já que no trabalho todos eram testados e ninguém teve Covid lá.

Marcos conta que começou a sentir os sintomas, mas acreditava se tratar da poeira do local onde trabalhava. Já no dia seguinte ele acordou sem sentir cheiro nem gosto dos alimentos, então comunicou o trabalho e o estágio e ficou em casa, seguindo os protocolos para evitar o contágio.

Três dias depois, o jovem dirigiu-se à UBS onde estagiava e realizou o teste contra a Covid-19, que deu positivo. Depois do exame confirmado, Marcos retornou para casa e apresentou febre alta, momento em que o rapaz começou a tomar as medicações prescritas pelo médico do local de estágio.

Marcos também recebeu um atestado de 14 dias e depois do episódio de febre ele afirma não ter tido nenhum outro sintoma grave até o 13º dia, quando passou a se sentir mal.

- No 13º dia conversei com um profissional médico que solicitou uma tomografia que mostrou um grande comprometimento pulmonar, em torno de 75%. Fiz a tomografia em uma quarta-feira pela tarde e na quinta-feira pela manhã a minha professora já tinha visto o resultado do exame e me disse para ir à UPA. Eu relutava para não ir porque até então eu achava que estava tudo bem, só que eu não tinha visto o resultado da tomografia. E aí quando fui para a UPA depois dela insistir muito, chamei meu irmão e ele me levou para a UPA. Quando cheguei na UPA fiquei na

sala amarela, monitorizado. Pediram uma gasometria e quando saiu o resultado fui direto para a sala vermelha. Já fui para ficar lá, na posição de prona, aquela com a barriga para baixo. A partir daí começou a busca por uma vaga de UTI, porque eu necessitava de um suporte e um aporte maior de atendimento.

Marcos viu seu estado de saúde se agravar rapidamente e necessitava de um leito de UTI, mas os hospitais se encontravam com os leitos de UTI Covid lotados e ele precisou aguardar enquanto seu mundo desmoronava.

- Aí passa todo um filme na cabeça da gente... um desespero! Como eu conhecia bastante o processo, eu só dizia: Eu não posso ser intubado! Eu não posso ser intubado! Se eu for intubado eu não sobrevivo, porque dali para uma pneumonia seria muito rápido.

O caso de Marcos gerou preocupação nas coordenadoras de estágio do enfermeiro. As duas professoras do jovem buscaram ajudar e ofereceram todo o suporte necessário para o momento.

- Elas começaram a se movimentar para me ajudar, tanto que quando cheguei na UPA já se sabia do meu caso e eu já tive um atendimento da triagem direto para a sala amarela.

Marcos esperou por quase um dia para conseguir vaga em uma das UTIs que atendiam no município. O leito veio após dois óbitos na cidade e então ele foi transferido para a vaga. Durante esse período de transferência, o enfermeiro teve o seu estado de saúde agravado, mas um

novo recurso além da vacinação chegaria para auxiliar no seu estado de saúde.

Um tratamento experimental acabava de chegar em Petrolina e, por coincidência, foi utilizado pela primeira vez em um estagiário com Covid-19, como recurso para que o estudante não fosse intubado. Com o nome de capacete “Elmo”, o equipamento ajuda em situações em que o pulmão está com dificuldade de oxigenação, sendo um recurso para tentar evitar a intubação.

Marcos utilizou o equipamento que fez com que sua saturação melhorasse. O capacete auxiliava o enfermeiro no processo de respiração. Ele possuía uma pressão de ar comprimido com oxigênio muito forte e o jovem passou a fazer o uso obrigatório do capacete, mas sempre se manteve alerta aos problemas causados pela síndrome respiratória.

- Em uma madrugada em que dormi com o capacete tive uma diminuição grande da saturação, aí foi preciso aumentar um pouco o fluxo do equipamento. Depois disso fiquei com medo de dormir novamente e fiquei acordado.

Durante o tempo internado, Marcos realizava exames diariamente para acompanhar a evolução do seu quadro, mas sempre preocupado com a possibilidade de ser intubado, já que outras pessoas tentaram fazer uso do capacete, mas acabaram não tendo sucesso e precisaram recorrer à intubação.

- Eu acabava reclamando do capacete porque ele era barulhento e ressecava muito a nossa mucosa, por causa do ar comprimido. Mas quando eu olhava para alguém sendo

intubado do meu lado e eu sabia do processo, repetia comigo mesmo: “Não, o capacete é ótimo! O capacete é maravilhoso e não existe nada melhor que o capacete”.

A experiência vivida por Marcos na UTI durou cerca de cinco dias. Logo depois o enfermeiro recebeu alta do hospital e passou mais dois dias na UPA. Mas a notícia de saber que tinha vencido a Covid foi um momento muito emocionante em sua vida.

- Quando completou quatro dias, eu fiz um teste com a fisioterapeuta. Ela botou uma música no computador e a gente foi cantar. Aí ela foi observando a saturação e começou a diminuir meu oxigênio sem que eu percebesse. E aí deu para cantar bastante, foi muito bom, muito emocionante. A UTI ficou diferente naquele momento.

O caso de Marcos se tornou grave mesmo com as duas doses da vacina, porque o jovem possuía comorbidade, mas, ainda assim, ele sabe que a vacina foi eficaz para que seu caso não evoluísse para um óbito posteriormente.

- A importância da vacina nesse processo foi muito grande. Mas até hoje a gente vê as pessoas dizendo que a vacina não serve e eu digo que sou a prova de que a vacina serve. Pelo menos para mim, ela serviu.

O momento vivido por Marcos durante o período em que esteve internado, mesmo sendo intensamente dramático, trouxe uma visão sobre a profissão ainda não enxergada. Agora formado, o enfermeiro se espelha nos profissionais que lhe mostraram a verdadeira face da

da profissão mesmo em período tão árduo como a pandemia.

- Depois que sai da UTI, eu passei a observar mais os meus pacientes e senti mais necessidade de tocá-los. Mesmo com o paciente inconsciente eu senti necessidade de chegar e conversar com ele. Perguntar se estava tudo bem e dizer que iria ficar tudo bem. Então esse contato e o processo de intimidade profissional com o paciente se tornou algo muito presente e importante na minha vida, sabe. Todo o processo que passei só me tornou um profissional melhor. Eu aprendi de fato a ser um profissional que respeita o outro e que ama o paciente, entendendo que aquele paciente também é o amor da vida de alguém. Então todo cuidado e afago que você faz, de modo a esperar somente que aquele paciente melhore, quando ele se recupera é impossível ele não lembrar de você. Então a minha experiência nesse processo é sobre essa transformação. Não que eu tivesse me tornado um profissional ruim, mas com certeza tudo isso me fez melhorar e crescer como estudante e agora profissional.

A vacinação continuou a avançar no município de Petrolina e no mês de setembro a turma de enfermagem em que Daniela estudava resolveu retornar ao campo de estágio.

A turma da Univasf havia parado as atividades por mais de um ano. Essa decisão foi tomada em conjunto com o colegiado, já que os alunos se recusaram a voltar para as unidades de saúde sem estarem imunizados com as duas doses.

Daniela então teve início às atividades com as duas doses do imunizante contra a Covid-19. A jovem entendia a importância de estar com o esquema vacinal devidamente cumprido, mas a certeza dessa decisão só chegou no ano seguinte. No início de 2022 ela contraiu a Covid no local onde estagiava e, mesmo imunizada, obteve sequelas graves da doença.

- Quando tive Covid, eu senti os mesmos sintomas de quando tomei a primeira dose da vacina. Senti o corpo mole, mas o que ficou até agora foi dificuldade para respirar. Eu preciso até realizar uns exames e também estou fazendo natação por causa disso. Eu senti essa sequela da respiração e da enxaqueca e muita gente também reclama dessas sequelas.

A jovem explica que o contágio aconteceu de forma muito rápida, onde bastou apenas um descuido com a máscara e de repente toda a equipe da UBS em que estagiava, inclusive ela, estavam infectados.

- Mesmo me cuidando muito, no final de janeiro e começo de fevereiro de 2022 eu contrai a Covid porque tive contato próximo com a médica da unidade. Ela estava com a gente em uma sala e tirou a máscara para fazer alguma coisa... aí pronto! Várias pessoas pegaram Covid. A dentista pegou, depois eu peguei e minha preceptora também.

Além da eficácia na contenção de mortes por Covid-19, a vacinação também cumpria um papel na destruição de falsos argumentos e afirmações que disseminavam

informações sem eficácia comprovada.

Na pandemia as Fake News tomaram conta do país e retardaram o processo de imunização, fazendo com que as pessoas questionassem os resultados dos imunizantes.

Apenas com o avanço da vacinação, que veio em parte com a imposição dos estados pela obrigatoriedade da imunização, o número de óbitos e internações por Covid-19 caiu consideravelmente. No segundo semestre de 2021 o portal de notícias g1 Petrolina divulgou duas matérias que tratavam sobre a imunização e os resultados positivos gerados no município.

A primeira matéria foi publicada no dia 11 de agosto de 2021 e falava sobre o avanço da vacinação e a queda na ocupação dos leitos de UTI de Petrolina e de mais dois municípios do Sertão de Pernambuco.

Já a segunda matéria tratava da redução no número de óbitos e casos confirmados. De acordo com o g1, os dados de setembro de 2021 indicaram que o município teve 245 novos casos e quatro mortes ocasionadas pela Covid-19, número menor em relação ao mês de agosto, com 454 casos confirmados e oito óbitos.

*Lara⁷ é estudante do curso de farmácia da Univasf e estagiou em uma farmácia e em um hospital de Petrolina no período de julho a setembro de 2021. A jovem também notou a queda no número de internações e viveu um período muito mais tranquilo em relação aos estudantes que estagiaram antes da vacina.

⁷Nome fictício utilizado para resguardar a identidade da fonte.

No segundo estágio realizado em uma farmácia de Petrolina, a jovem relatou ter vivenciado uma situação que reflete a forma como as pessoas pensavam e agiam diante da pandemia, muitas vezes direcionadas pelo contexto das Fake News.

- Eu cheguei para estagiar na farmácia e vi que tinha muita Ivermectina, muita! E o medicamento não saiu mais. Quando cheguei foi o período que parece que o pessoal já tinha mais uma noção sobre isso.

Nesse mesmo ano a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) divulgou um estudo realizado pela Escola Nacional de Saúde Pública, Sérgio Arouca (UNSP), que identificava as principais Fake News relacionadas à Covid-19 recebidas pelo aplicativo “Eu Fiscalizo”, entre março e maio no país.

De acordo com a pesquisa, na segunda fase do estudo, realizado entre 11 de abril e 13 de maio, 4,3% das informações falsas declaram o uso de Ivermectina como cura para a Covid-19. Assim é possível entender porque os estoques das farmácias viviam cheios e porque as Fakes News eram tão defendidas. O que Lara viu foi o resultado de uma indústria que se alimentava às custas da desinformação.

A Ivermectina é uma medicação que passou a ser vendida sem prescrição médica na pandemia e Lara presenciou o grande estoque comprado pela rede de farmácia como uma aposta para as vendas que sempre

foram altas durante o período. A questão é que algo mudou na cabeça dos consumidores e o estoque ficou parado, definitivamente sem utilidade.

Analisando tudo o que vimos até aqui, é importante destacar como a experiência dos estudantes através do estágio puderam contar histórias e dar vida aos acontecimentos da pandemia. Registrar o surgimento, a ascensão e o controle da Covid-19 do ponto de vista de alunos que estagiaram em unidades de Petrolina, trazem uma nova visão sobre o sistema de saúde na região.

Essas pessoas foram ou ainda são, antes de tudo, alunos. Se desafiaram e se questionaram, mas, acima de qualquer coisa, se colocaram à disposição do serviço local e do Sistema Único de Saúde.

As histórias contadas refletem diversos assuntos relacionados à profissão e à Universidade, como as aprendizagens adquiridas, as descobertas realizadas, os medos enfrentados, as conquistas evidenciadas e a esperança de acreditar que tudo daria certo, mesmo no período mais crítico da saúde.

Aqui temos uma história contada sobre a pandemia,

pautada de forma curiosa e cheia de informações de jovens que se encontravam na esfera da saúde sem serem profissionais. Jovens que precisaram se tornar profissionais sem saberem de fato se estavam preparados para tal desafio. Jovens que queriam estudar e conhecer a pandemia, ou só queriam mesmo realizar a tão sonhada formatura.

Nessa história nos desfazemos de estereótipos e receios no serviço oferecido pelo estagiário, percebendo que seu atendimento é amparado pelo estudo, pela reflexão em sala de aula, pelo suporte profissional e pelo seu próprio esforço em crescer e buscar autonomia.

*Vanessa⁸ conta que no início do estágio realizava diversas perguntas e observava absolutamente tudo para aprender como funcionava a rotina dentro hospital, sempre estudando e se atualizando. A iniciativa foi fundamental para que a jovem se sentisse parte da equipe e pudesse se desenvolver no campo profissional.

- Eu perguntava tudo no começo. Aprendi e observava como eles estavam fazendo. Depois fiz as mesmas coisas, passei a cuidar dos meus pacientes e já discutia o caso deles com os médicos. Eu já me sentia uma fisioterapeuta. A UTI era o local onde eu tinha mais medo, por causa do ventilador mecânico, sabe. Então aprendi a manusear o ventilador mecânico e vi que não era um bicho de sete cabeças. Então a rotina era chegar, aprender e colocar em prática. Quando eu colocava as coisas em prática eu aprendia muito mais do que quando ficava só escutando os supervisores falarem, sabe. Eu começava a fazer e, quando surgia dúvida, perguntava.

⁸Nome fictício utilizado para resguardar a identidade da fonte.

Assim, na metade do estágio que durava cerca de um mês, eu já estava totalmente segura e atendia os pacientes sozinha.

Definitivamente este livro não pretende destacar a importância do estagiário como maior ou igual ao profissional, mas sim evidenciar personagens que existiram na pandemia e que contribuíram para o processo de resistência do sistema de saúde.

Ao mesmo tempo em que não podemos comparar o estagiário no âmbito da sua atuação, também não podemos simplesmente ignorá-lo. Esses estudantes compõem o serviço e, mais do que isso, qualificam o sistema de saúde.

O que foi contado neste trabalho evidencia a necessidade de que o estagiário seja reconhecido como parte do universo em que se encontra, entendendo que ele tem uma função e um lugar dentro do ambiente organizacional. Em uma via de mão dupla, ele atravessa essa jornada em busca de conhecimento, mas sua passagem também agrega valor ao serviço.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marco Antônio Sousa; MACIEL, Emanuella Ribeiro Halfeld. O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto. Revista Internet e sociedade, n. 1, p. 144, 2019. Disponível em: <<https://revista.internetlab.org.br/o-fenomeno-das-fake-news-definicao-combate-e-contexto/>>.

BITAR, Renata. Há um ano, SP vacinava 1ª pessoa contra Covid no Brasil; veja o que mudou e projeções para o futuro. G1. São Paulo. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/01/17/ha-um-ano-sp-vacinava-1a-pessoa-contracovid-no-brasil-veja-o-que-mudou-e-projecoes-para-o-futuro.ghtml>>. Acesso em: 20 de maio 2022.

BRASIL. Lei nº 11.788. Dispõe sobre o estágio de estudantes. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm>. Acesso em: 08 maio 2022.

BRASIL. Portaria nº 356 de 20 de março de 2020. Dispõe sobre a atuação dos alunos dos cursos da área de saúde no combate à pandemia do COVID-19 (coronavírus). Diário Oficial da União, Brasília (DF), 20 mar 2020: Seção 1-Extra: 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Portaria/PRT/Portaria%20n%C2%BA%20356-20-mec.htm> Acesso em: 08 maio 2022.

BRASIL. Portaria nº 374 de 03 de abril de 2020. Dispõe sobre a antecipação da colação de grau para os alunos dos cursos de Medicina, Enfermagem, Farmácia e Fisioterapia, exclusivamente para atuação nas ações de combate à pandemia do novo coronavírus - Covid-19. Diário Oficial da União, Brasília (DF), 6 abr 2020: Seção 1: 66. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-374-de-3-de-abril-de-2020-251289249>> Acesso em: 08 maio 2022.

BRASIL. Portaria nº 383 de 09 de abril de 2020. Dispõe sobre a antecipação da colação de grau para os alunos dos cursos de Medicina, Enfermagem, Farmácia e Fisioterapia, como ação de combate à pandemia do novo coronavírus - Covid-19. Diário Oficial da União, Brasília (DF), 13 abr 2020: Seção 1: 24. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-383-de-9-de-abril-de-2020-252085696>> Acesso em: 12 maio 2022.

BRASIL. Portaria nº 492 de 23 de março de 2020. Institui a Ação Estratégica “O Brasil Conta Comigo”, voltada aos alunos dos cursos da área de saúde, para o enfrentamento à pandemia do coronavírus (COVID-19). Diário Oficial da União, Brasília (DF), 23 mar 2020: Seção 1-Extra: 4. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-492-de-23-de-marco-de-2020-249317442>> Acesso em: 16 maio 2022.

CARTA DE PETROLINA. Ministério PÚBLICO Federal. Ministério Público do Estado da Bahia e Ministério Público do Estado de Pernambuco. Petrolina. 2019. Disponível em: <[https://www.mppe.mp.br/mppe/attachments/article/10892/Carta % 2 0 d e % 2 0 P e t r o l i n a - R e d e % 2 0 P E B A - Vers%C3%A3o%20Final.pdf](https://www.mppe.mp.br/mppe/attachments/article/10892/Carta%20de%20Petrolina-Rede%20PEBA-Vers%C3%A3o%20Final.pdf)>. Acesso em: 15 maio de 2022.

CHANCHARULO, ANA PAULA. Redes interestaduais de saúde: o caso da rede de atenção à saúde Pernambuco/Bahia. São Paulo. 2 0 1 7 . D i s p o n í v e l e m : <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-0 9 0 4 2 0 1 8 - 095008/publico/AnaPaulaChancharulodeMoraesPereiraVersaoCorrigida.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5137/tde-09042018-095008/publico/AnaPaulaChancharulodeMoraesPereiraVersaoCorrigida.pdf)>. Acesso em 23 maio 2022.

FACULDADE SOBERANA. Comunicado. Decide suspender totalmente suas atividades acadêmicas e administrativas por um período de 15 dias. Petrolina. 2020. Disponível em: <<https://faculdadesoberana.com.br/wp-content/uploads/2020/04/Comunicado-geral.pdf>>. Acesso em 13 abril 2022.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. SUS. Disponível em: <<https://pensesus.fiocruz.br/sus>>. Acesso em: 19 maio 2022.

G1. Avanço da vacinação da Covid-19 gera queda na ocupação dos leitos de UTI no Sertão de PE. Petrolina. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2021/08/11/avanco-da-vacinacao-da-covid-19-gera-queda-na-ocupacao-dos-leitos-de-uti-no-sertao-de-pe.ghtml>>. Acesso em: 23 maio 2020.

G1. Brasil registra 94 mortes por Covid em 24 horas; média móvel está em alta há nove dias. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/06/18/brasil-registra-94-mortes-por-covid-em-24-horas-media-movel-esta-em-alta-ha-nove-dias.ghtml>>. Acesso em: 12 maio 2022.

G1. Brasil soma 211,5 mil mortes por Covid, com média móvel de 969 óbitos por dia. Bem Estar. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/19/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-em-19-de-janeiro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>>. Acesso em 14 maio 2022.

G1. Brasil ultrapassa 154 mil mortes por Covid; média móvel volta a ficar acima de 500. Bem Estar. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/10/19/casos-e-mortes-por-coronavirus-em-19-de-outubro-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>>. Acesso em 17 maio 2022.

G1. Covid-19 em Petrolina e região: Confira o total de casos, curas e mortes no dia 30 de outubro. Petrolina. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2020/10/30/covid-19-em-petrolina-e-regiao-confira-o-total-de-casos-curas-e-mortes-no-dia-30-de-outubro.ghtml>>. Acesso em: 16 maio 2022.

G1. Decreto estadual autoriza aulas práticas e estágios em instituições de ensino superior e técnico em PE. Educação. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/pe/educacao/noticia/2020/07/11/decreto-estadual-autoriza-aulas-praticas-e-estagios-em-instituicoes-de-ensino-superior-e-tecnico-em-pe.ghtml>>. Acesso em: 19 maio 2022.

G1. Petrolina fecha mês de setembro com redução na taxa de óbitos e casos confirmados por Covid-19. Petrolina. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2021/10/01/petrolina-fecha-mes-de-setembro-com-reducao-na-taxa-de-obitos-e-casos-confirmados-por-covid-19.ghtml>>. Acesso em: 26 maio 2022.

G1. Profissionais de saúde relatam falta de equipamentos de proteção; denúncias passam de 4 mil. Fantástico. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/03/29/profissionais-de-saude-relatam-falta-de-equipamentos-de-protecao-denuncias-passam-de-4-mil.ghtml>>. Acesso em: 23 maio 2022.

G1. Secretaria Municipal de Saúde confirma primeiro caso de coronavírus em Petrolina. Petrolina. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2020/03/23/secretaria-municipal-de-saude-confirma-primeiro-caso-de-coronavirus-em-petrolina-pe.ghtml>>. Acesso em: 05 maio 2022.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Petrolina: P o p u l a ç ã o , 2021. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/petrolina/panorama>>. Acesso em: 8 abril 2022.

JORNAL DA ASSOCIAÇÃO MÉDICA BRASILEIRA. Faltam EPI's em todo o país. 2020. Edição 1.413. Disponível em: <https://amb.org.br/wp-content/themes/amb/revista-jamb/JAMB_Ed1413.pdf>. Acesso em 17 maio 2022.

“Linha de frente sem vacinação, é risco de morte!”. União Nacional dos Estudantes, 2021. Disponível em: <<https://www.une.org.br/noticias/linha-de-frente-sem-vacinacao-e-risco-de-morte/>>. Acesso em: 25 abril 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem, Medicina e Nutrição. Brasília. 2001, Seção 1E, p. 131. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/ces1133.pdf>>. Acesso em 13 maio 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. PORTARIA Nº 544. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais. 2020. Edição: 114. Seção: 1. Página 62. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>>. Acesso em 03 junho 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Portaria nº 572. Institui o Protocolo de Biossegurança para Retorno das Atividades nas Instituições Federais de Ensino e dá outras providências. 2020. Edição: 125. Seção: 1. Página 30. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-572-de-1-de-julho-de-2020-264670332>>. Acesso em: 12 abril 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Univasf. Centro de Estudos e Práticas em Psicologia (Ceppsi) da Univasf realiza inscrições para plantão psicológico online. Petrolina. 2020. Disponível em: <<https://portais.univasf.edu.br/noticias/centro-de-estudos-e-praticas-em-psicologia-ceppsi-da-univasf-realiza-inscricoes-para-plantao-psicologico-online>>. Acesso em: 16 maio 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Univasf. Estudantes de Medicina da Univasf iniciam internato no HU e Hospital Regional. Petrolina. 2020. Disponível em: <<https://portais.univasf.edu.br/videos/tv-caatinga/estudantes-de-medicina-da-univasf-iniciam-internato-no-hu-e-hospital-regional>>. Acesso em 29 maio 2022.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, Conselho Nacional de Saúde. Recomendação Nº 024. Recomenda ações relativas à atuação de estudantes de saúde em formação no contexto da Ação Estratégica “O Brasil Conta Comigo”. 2020. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1127-recomendacao-n-024-de-20-de-abril-de-2020>>. Acesso em 16 abril.

MINISTÉRIO DA SAÚDE, Conselho Nacional de Saúde. Recomendação Nº 048. 2020. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1250-recomendacao-n-048-de-01-de-julho-de-2020>>. Acesso em: 12 março 2022.

PEIXINHO, Juliane. 'Esperança chegou', diz técnica de enfermagem que recebeu 1ª dose da vacina contra a Covid-19 em Petrolina. G1. Petrolina. 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2021/01/19/esperanca-chegou-diz-tecnica-de-enfermagem-que-recebeu-1a-dose-da-vacina-contr-a-covid-19-em-petrolina-pe.ghtml>>. Acesso em 19 abril 2022.

PETROLINA. Decreto N.º 012/2020. Declara estado de emergência na saúde pública no âmbito do território deste Município de Petrolina/PE, decorrente do Novo Coronavírus (COVID-19), e dá outras providências. 2020. Disponível em: <<https://www.waldineypassos.com.br/wp-content/uploads/2020/03/DECRETO-012.pdf>>. Acesso em 21 maio 2022.

PETROLINA. Decreto N.º 037/2020. Regulamenta retomada programada da economia no âmbito do território do Município de Petrolina/PE, em face da pandemia causada pelo Coronavírus (COVID-19), e dá outras providências. 2020. Disponível em: <<https://petrolina.pe.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/decreto-flexibilizacao-economia-covid-19-finalizado-2.pdf>>. Acesso em: 07 maio 2022.

PORTARIA SES/PE Nº. 108 DE 24 DE MARÇO DE 2020. Estabelece diretrizes para o desenvolvimento das atividades de Integração do Ensino - Serviço na Rede Estadual de Saúde do Estado de Pernambuco, no cenário de combate à Pandemia. 2020. Disponível em: <http://www.pge.pe.gov.br/app_themes/PORTARIA%20SES-PE%20N%C2%BA.%20108%20DE%2024%20DE%20MAR%C3%87O%20DE%202020.pdf>. Acesso em 13 abril 2022.

REDE GN. Cinco Universidades lançam nesta terça-feira consórcio "Pernambuco Universitas"; convênio de cooperação inédito no país. 2014. Disponível em: <https://www.redegn.com.br/?sessao=noticia&cod_noticia=57519>. Acesso em: 29 maio 2022.

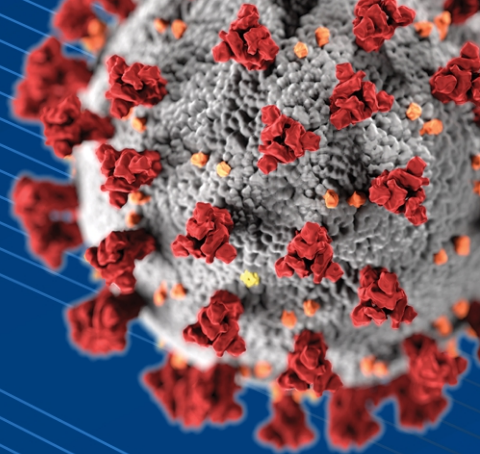
SOUZA, Lucas Batista de; GALRÃO, Paula da Luz. Gênero e Raça na Atuação Profissional em Saúde Mental em Petrolina-Pe. Petrolina. 2021. Disponível em: <https://amb.org.br/wp-content/themes/amb/revista-jamb/JAMB_Ed1413.pdf>. Acesso em: 6 junho 2022.

UNIVASF. Instrução Normativa nº 05, de 17 de março de 2020. Estabelece normas e orientações para funcionamento das atividades acadêmicas e administrativas da Univasf frente à contenção da disseminação do coronavírus (COVID-19). Disponível em: <https://portais.univasf.edu.br/noticias/univasf-suspende-atividades-academicas-e-administrativas/instrucao_normativa_n_05_de_2020_17_de_marco.pdf>. Acesso em 3 junho 2022.

UNIVASF. Relatório de prestação de contas de atividades da comissão de elaboração, acompanhamento e monitoramento de ações de prevenção do coronavírus. Petrolina. 2020. Disponível em: <<https://portais.univasf.edu.br/noticias/RelatriodeprestacaodecontasdeatividadesdaComissoCOVID19comanexos.pdf>>. Acesso em 26 maio 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO, Conselho Universitário. Resolução Nº 14/2020. Regulamenta a oferta de Período Letivo Suplementar para a realização de atividades curriculares e extracurriculares nos cursos de graduação da Univasf. Disponível em: <https://portais.univasf.edu.br/noticias/matriculas-para-semester-2020-3-da-univasf-acontecem-ate-13-de-setembro/resoluo_n_14-_atividades_remotas_graduao-1.pdf>. Acesso em 02 maio 2022.

UPE. Orientações sobre atividades acadêmicas. Recife. 2020. Disponível em: <http://200.133.1.10/wp-content/uploads/2020/03/1.NOTA_UPE.pdf>. Acesso em 10 abril 2022.



UNEB

UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA